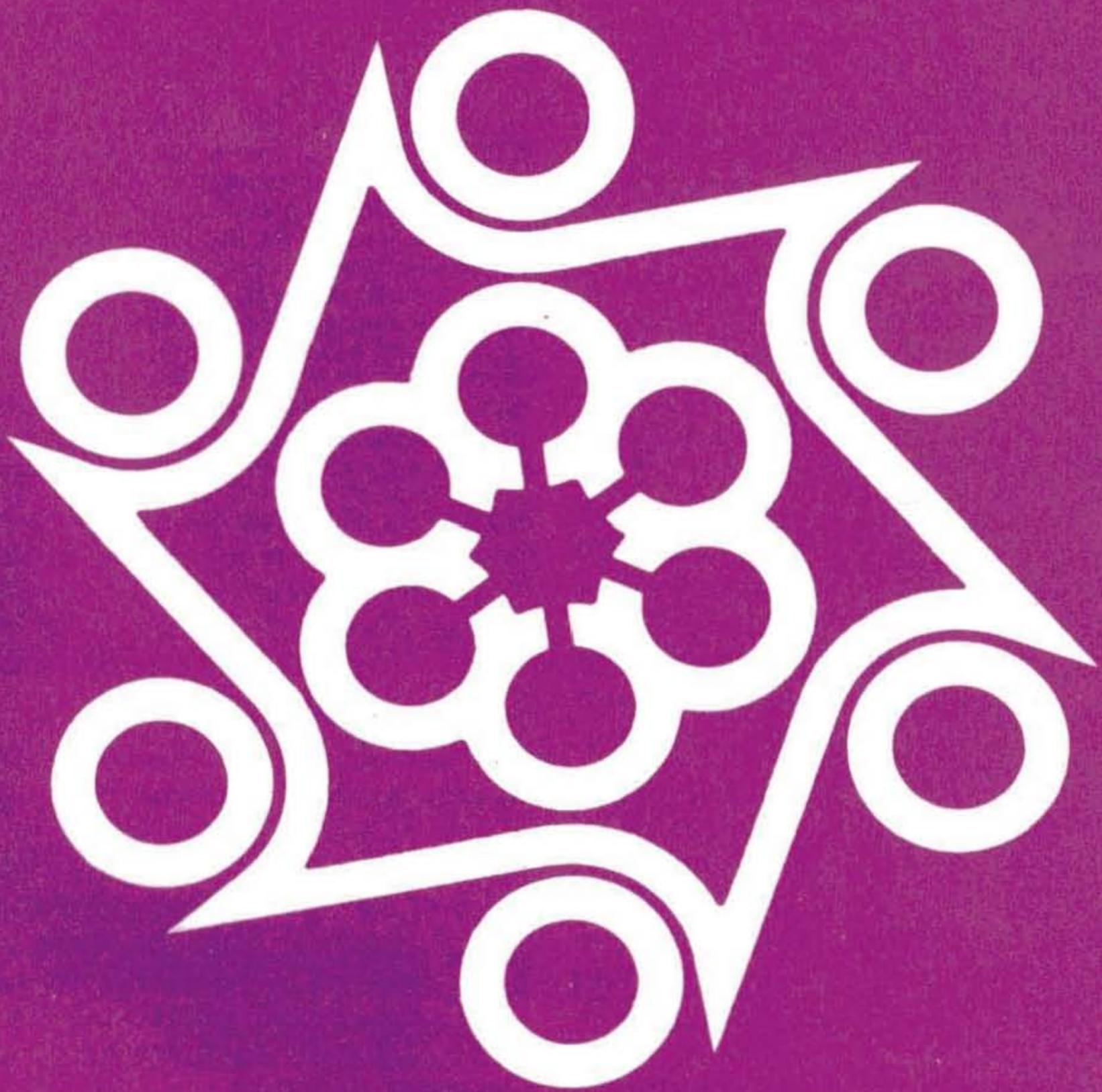


# convergência

NOV — 1988 — ANO XXIII — Nº 217



- **SOLLICITUDO REI SOCIALIS: UM RESUMO DA ENCÍCLICA** — Pe. Thierry Linard de Guertechin, SJ — página 518
- **UMA REESCUTA PRÁTICA DA VOZ DO ÊXODO**  
Pe. Henrique de Ternay, SJ, e Ir. Lúcia Weiler — página 523
- **A NOVA EVANGELIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA E O CAMINHO DA RECONCILIAÇÃO** — Pe. José Comblin — página 541

## CONVERGÊNCIA

Revista da  
Conferência  
dos Religiosos  
do Brasil: CRB



**Diretor-Responsável:**  
Ir. Claudino Falquetto, FMS

**Redator-Responsável:**  
Padre Marcos de Lima, SDB  
(Reg. 12.679/78)

**Equipe de Programação:**  
Pe. Atico Fassini, MS  
Pe. Cleto Caliman, SDB  
Ir. Delir Brunelli, CF  
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

**Direção, Redação, Administração:**  
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

### Assinaturas para 1988

Brasil, taxa única:	
terrestre ou aérea.....	Cz\$ 750,00
<b>Exterior:</b> marítima.....	US\$ 38,00
aérea	US\$ 48,00
Número avulso.....	Cz\$ 75,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

**Composição:** Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

**Fotocomposição:** Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

### Nossa capa

Peça, engrenagem, força. Em outro patamar, a intenção fundamental: **pessoa, comunidade, sociedade.** É óbvio, não é obra de arte, arte retiniana, formas agradáveis aos olhos. É, sim e sobretudo, um jogo de idéias. O interesse está menos no produto visual; menos no seu aspecto decorativo; mais na leitura da imagem, do signo-símbolo. Ser o que se é — pessoa — ou ser meramente peça na engrenagem do sistema? Toda vida verdadeira é encontro. Na relação interpessoal se desenvolve a personalidade e se adquire a identidade. Como, então, experimentar-se,

de maneira característica, uma individualidade precisa e não individualista? Como ser comunidade sem despessoalizar-se ou despersonificar-se? Afirmar e respeitar os valores do grupo como pluralidade psicológica ou as suas exigências de unidade sociológica, matriz de padronização institucional? Pessoas em comunidade, sempre fonte de tensões. O grupo é realidade conflitiva. Não se pode desconhecer o realismo das diferenças. E, no entanto, individualidade sem o sentido de pertença ao grupo não amadurece vocacionalmente. Comunidade sem o sentido de individuação é tentativa equívoca de sentir-se pessoa. Na busca de um ajustamento dinâmico para esta dialética existencial, **CONVERGÊNCIA** ajuda a evitar a emergência de excessos, a desabrochar experiências amadurecedoras, a evoluir, pouco a pouco, para uma situação de discernimento e de autonomia consubstanciadas pela fé. Só a fé combina este dualismo aparentemente contraditório: **Pessoa e Comunidade**, sublinhando a certeza de uma crescente integração. A nossa vocação é de comum união com JESUS CRISTO, a dimensão personalizante e comunitária de nosso futuro (1 Cor 1, 9). Nesta perspectiva, mensalmente, **Convergência** quer lhe dizer: hoje já é o ensaio da realidade do amanhã (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

## SUMÁRIO

EDITORIAL.....	449
INFORME DA CRB .....	451
VIDA RELIGIOSA E IGREJA PARTICULAR. REFLEXÕES PARA O MOMENTO ATUAL Dom Valfredo Tepe .....	459
UMA NOVA CATEQUESE: PREPARANDO O V CENTENÁRIO DE EVANGELIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA Frei Bernardo Cansi, OFM Cap .....	471
FORMAÇÃO PARA A MISSÃO Pe. José A. Netto de Oliveira, SJ .....	483
AS CEBS E OS DESAFIOS DA EVANGELIZAÇÃO. NOTAS PROVISÓRIAS Faustino Luiz Couto Teixeira .....	499
O RETIRO ESPIRITUAL Pe. Patrick J. Leonard, CSSp .....	510

# EDITORIAL

No dia 15 de novembro, 99º aniversário da Proclamação da República, o povo brasileiro será conclamado a uma mobilização geral. Não será para o vai-e-vem rotineiro do trabalho ganha-pão suado de cada dia. Ruas das cidades, rodovias e estradas de roça serão antes pisadas pelos pés dos brasileiros em busca de um novo dia. Será o corre-corre de quem precisa e quer construir uma nova pátria. Será o dia da "construção civil" da democracia para a qual se proclamou a República em nosso país. Cada brasileiro eleitor levará o tijolo de seu voto para a construção da casa de todos nós. Será o imenso mutirão do Brasil novo, financiado pelas reservas da esperança de vida nova, humana e feliz, que, apesar de tudo, se conservam depositadas no fundo humanitário da nação.

A ida às urnas, nesse 15 de novembro, é verdade, ainda será em meio a brumas e receosamente. O caminho não é claro e espaçoso. É que o povo anda quase esquecido de como se vota. Longos anos de silêncio imposto à urna lhe tolheram o hábito sadio da participação. Sua fala e clamores foram abafados. Além do mais, nesse carrossel político, tem dificuldade em identificar seus legítimos porta-vozes. Quem falará em seu nome? Que linguagem ou ideologia veiculará seu pensar e pezar? Que partido político melhor expressará seu de-

sejo mais profundo? O leque é vasto, de siglas e nomes. Qual deles representará as reais necessidades do povo e será uma bem estruturada sólida e consequente via de acesso ao bem comum?

As brumas desse alvorecer democrático tomam consistência e densidão maior com a contracorrente dos fortes e malignos ventos que agitam a situação econômico-social do país. O povo sofre e não vê saída. Decepcionado, descrê de promessas e discursos, de pacotes políticos e soluções mágicas muitas vezes interesseiras. Enquanto isso, o custo de vida esmaga. A fome cresce. O dinheiro enfraquece. O salário se raquitiza. Mas a inflação engrossa. Infla de dinheiro o bolso esperto, e de vento a barriga pobre. Quem poderá suportar? Que povo será feliz assim?

JOÃO PAULO II, em SOLLICITUDO REI SOCIALIS, afirma que há nações que devem reformar suas estruturas injustas. E reformar, "em particular, as próprias instituições políticas, para substituir regimes corruptos ditatoriais ou autoritários por regimes democráticos que favoreçam a participação. É um processo que fazemos votos se amplie e se consolide porque a 'saúde' de uma comunidade política — enquanto expressa mediante a livre participação e responsabilidade de todos os cidadãos na coisa

pública, a firmeza do direito e o respeito e a promoção dos direitos humanos — é condição necessária e garantia segura de desenvolvimento do 'homem todo e de todos os homens' ” (nº 44).

A Constituinte, nesses longos e penosos meses de trabalho, despertou algum entusiasmo. Consolidou avanços e marcou passo, elaborou a Constituição do Brasil de todos nós. Passará ela do papel à prática? Desencenará um processo verdadeiramente transformador de nossa realidade?

O princípio da ampla participação do povo nas grandes decisões nacionais ao menos está consagrado em nosso texto constitucional. Resta agora ao povo assumir essa causa com as mãos e o coração. A urna das eleições a 15 de novembro será o megafone da voz do povo. É também a insubstituível ferramenta para a construção da democracia com que todos sonhamos. O povo está convocado a participar. Os Religiosos também!

CONVERGÊNCIA de novembro apresenta:

“SOLLICITUDO REI SOCIALIS: Um resumo da Encíclica”, de Pe. THIERRY LINARD DE GUERTECHIN, SJ, cientista social do IBRADES, que retoma o veio central desse texto de JOÃO PAULO II, comemorativo de “POPULORUM PROGRESSIO” de PAULO VI.

“UMA REESCUTA PRÁTICA DA VOZ DO ÊXODO — Contribuições da Teologia Narrativa para a Teologia da Libertação”, de Pe. HENRIQUE DE TERNAY, SJ e Irmã LÚCIA WEILER. Teologia Narrativa e Teologia da Libertação dialogam ao pé do poço comum — a Palavra de Deus. Questionam-se e se enriquecem mutuamente. O interesse porém, é descer à prática eclesial. O texto foi elaborado dentro do contexto de pesquisas da EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA da CRB Nacional.

“A NOVA EVANGELIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA E O CAMINHO DA RECONCILIAÇÃO” de Pe. JOSÉ COMBLIN. O autor, reconhecida autoridade em teologia e em pastoral latino-americana, analisa os diferentes projetos de evangelização elaborados em vista da América Latina.

“VIDA RELIGIOSA, NOVA EVANGELIZAÇÃO E POVO NEGRO”, de Pe. ANTÔNIO APARECIDO DA SILVA, orionita. Esse texto igualmente faz parte dos trabalhos da EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA da CRB Nacional. O autor, presbítero religioso negro, retoma aqui a reflexão por ele desenvolvida sobre a questão “povo negro” em nossa terra, dentro do contexto do Centenário da Lei Áurea, da CF/88 e das atuais discussões em torno da Nova Evangelização. Que tem isso a ver com a Vida Religiosa?

**Pe. Atico Fassini, MS**

# I N F O R M E

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

---

---

### **REUNIÃO CONJUNTA DA PRESIDÊNCIA DA CNBB COM A DIRETORIA NACIONAL DA CRB**

Na sede nacional da CRB, no Rio de Janeiro, reuniram-se, às 9hs do dia 24 de junho de 1988, os Srs. Bispos D. Paulo Eduardo Andrade Ponte, Vice-Presidente da CNBB, e D. Antonio Celso de Queiroz, Secretário Geral, com o Presidente da CRB Nacional, Irmão Claudino Falchetto, FMS, os Diretores Irmã Adylles Augusta Rossato, ICM, Pe. Décio Zandonade, SDB, Irmã Maria Léa Ramos, FMA, Irmão Antônio Carlos Machado Ramalho de Azevedo, FMS, Irmã Zenilda Novais Rocha, CF, Pe. Fábio Bertolli, SJ, Irmã Gertrudes Moreira, RA, e os Assessores da CRB Nacional Pe. Atico Fassini, MS, Irmã Célia Gomes Cerveira, SSD, Irmã Elza Ribeiro, PGap, Irmã Maria das Graças Noronha Lima, IMC e Pe. Patrick J. Leonard, CSSp. D. Luciano Pedro Mendes de Almeida, SJ, Presidente da CNBB, em viagem pela Europa, não pode fazer-se presente.

Irmão Claudino abriu os trabalhos da reunião expressando a alegria da CRB em receber os Srs. Bispos da Presidência da CNBB. Dada a ausência de Dom Luciano, a Pauta prevista para a reunião foi abreviada.

1. A Vida Religiosa inserida em meios populares: O tema foi introduzido pelo

Ir. Claudino que situa rapidamente a questão. A Vida Religiosa inserida em meios populares, e em pequenas comunidades, já tem sua história no Brasil. É um fato firmado. Trata-se hoje de uma forma entre outras de se viver o ideal religioso. A CRB acompanha de perto e com muito carinho a Vida Religiosa inserida. Desde 1977 as Assembléias Gerais da CRB se ocupam do assunto. A CLAR por sua vez, faz o mesmo em nível latino-americano. A recente Assembléia da CLAR tratou do assunto em suas relações com a formação para a Vida Religiosa e a missão evangelizadora. Além disso, a literatura sobre o tema é relativamente abundante hoje.

Após essa introdução seguiu-se um diálogo sobre o assunto. A relação entre carisma congregacional e inserção em meios populares foi abordada e se percebe que não há incompatibilidade entre ambos. O problema da relação entre inserção e serviço pastoral à Igreja Local foi posta por Dom Paulo. Aqui se percebe que o religioso precisa encontrar na pastoral um campo de vivência e expressão do próprio carisma. Nem sempre é fácil, na ordem prática, preservar os dois interesses essenciais. Dom Celso observa que o risco para a Vida Religiosa não provém propriamente da inserção e sim antes das obras, sejam elas congregacionais ou da Igreja Local. O profetismo próprio

à Vida Religiosa corre mais risco nessas obras do que no despojamento da inserção. O futuro da Vida Religiosa está nesse caminho, sobretudo o da Vida Religiosa feminina, mais desimpedida em relação à instituição eclesial e mais livre para viver o carisma congregacional. Irmão Claudino acrescenta que os Religiosos devem incentivar, por isso mesmo, as vocações sacerdotais diocesanas para que a Vida Religiosa se liberte de certas ambigüidades relativas à vivência do próprio carisma, face às amarras que toda instituição impõe. Lembra também que é de suma importância o constante diálogo entre os Srs. Bispos e os Superiores Maiores, em nível regional ou nacional, para se tratar de questões de interesse mútuo.

2. Depois desse diálogo foram feitas algumas comunicações relativas à próxima Assembléia Geral da CRB; ao Projeto PALAVRA-VIDA organizado pela CLAR para os Religiosos da América Latina em vista da celebração do V Centenário da Evangelização de nosso Continente; ao LUMEN 2000; à Assembléia Geral da CLAR, em Cochabamba, Bolívia; aos Seminários de Orientação Espiritual e de Psicólogos organizados pela CRB Nacional.

Às 12hs a reunião se encerra com palavras de agradecimento a todos, por parte do Presidente da CRB.

Rio de Janeiro, 24 de junho de 1988,  
Festa de São João Batista.

**Pe. Atico Fassini, MS**  
Secretário ad hoc

## **XXXVIII CERNE**

Belo Horizonte viu acontecer a XXXVIII sessão do Centro de Renovação Espiritual, de 9 de maio a 24 de

junho de 1988. A Casa de Retiros São José, da Congregação Redentorista, acolheu os 59 religiosos — 6 maristas, 4 sacerdotes e 49 religiosas — provenientes de 14 estados do Brasil, do Distrito Federal, da Argentina e do México.

Os carismas das 46 congregações representadas, vividos cada dia, a todos enriqueceram. Dom do alto para toda a Igreja de Cristo! Mais uma vez, percebeu-se a grande sede de atualização e renovação espiritual dos religiosos com mais de 20 anos de vida consagrada. A idade variava entre 40 e 70 anos.

Os conteúdos ministrados por excelentes palestrantes, bem como a orientação semanal e a oferecida durante o Retiro Final, foram de total aceitação, comprovada por todos quantos participaram do grupo. Eram religiosos e religiosas da capital mineira ou da proximidade. Apenas um veio do Rio Grande do Sul. À Equipe da CRB Regional, nossos agradecimentos pelas inúmeras vezes que se fez presente, e os parabéns pela feliz escolha de gente tão amiga, tão capaz e tão disponível.

Ir. Claudino Falchetto, Presidente Nacional da CRB esteve presente no início, com sua palavra amiga e animadora; e no dia seguinte à posse de D. Luciano, na Arquidiocese de Mariana, quando nos falou sobre o evento eclesial. Obrigado!

Pe. Geraldo de Oliveira, Superior Provincial dos Redentoristas, celebrou na abertura e no encerramento do Cerne. Dom Serafim Fernandes de Araújo, DD, Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte, dirigiu a todos sua palavra de pastor, na homilia da celebração que presidiu no dia 23 de maio.

O passeio comunitário a Ouro Preto foi realizado sob densa neblina, dia 27. As visitas aos lugares turísticos foram feitas de manhã. Após o meio-dia, a chuva caiu torrencialmente e pelas 18hs. o sol apareceu, permitindo a todos uma belíssima paisagem da cidade e arredores montanhosos, com o Itacolomi.

Tarde de 2 de junho, Festa de Corpus Christi! No "Mineirão", os cernistas se juntaram a mais de 100 mil vozes para louvar o Senhor Sacramentado, participando da Torcida de Deus, promoção da Arquidiocese. Os recreios animados aos sábados, a festa junina com "casamento" e tudo, o churrasco assado por gaúchos, tudo abrilhantado com músicas e cantos apropriados, colaboraram com a descontração e a alegria daqueles que passaram 7 semanas partilhando sua vida.

A presença e a coordenação de Ir. Therezinha e de Da. Zélia, bem como a gentileza e carinho das 8 moças que se desvelam, dia e noite, para o bem-estar de todos os ocupantes da casa, merecem nota de louvor e destaque. Nossa admiração e agradecimento!

Como sempre, a avaliação final revela o grande bem que o Cerne continua a fazer a todos. O retiro de 8 dias confirma o entusiasmo. Na vida dos cernistas, o horizonte se torna mais amplo, mais lindo e mais esperançoso. Desejamos que a perseverança e a fidelidade sejam as duas constantes em seus corações. Que Deus e a Virgem Maria os acompanhem!

**Ir. Maria de Lurdes Gascho, CF**  
Diretora do CERNE

**Ir. Jorge Moreira Ribas, FMS**  
Diretor do CERNE

---

### **Caminhos de Deus — Pensamentos do homem**

**Bíblia** — "Jesus, voltando-se e vendo os seus discípulos, repreendeu a Pedro dizendo: 'Arreda-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus mas as dos homens'", Mc 8, 33.

**Leitor** — Os pensamentos do sabor humano: carreirismo, ambição de poucos sobre a exploração de tantos, disputas, precedência, interesses, jogo do poder, riquezas, privilégios, títulos, dominação, *estar por cima*, esperteza, levar vantagem, ter, poder, saber, lazer.

**Bíblia** — "Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos. Os meus caminhos não são os vossos caminhos", Is 55, 8.

**Leitor** — Na ótica de Jesus, fundamental e decisivo é *estar por dentro* dos desígnios do Pai. É a chave única da felicidade duradoura, chave que restitui à pessoa humana a esperança e a dignidade das coisas de Deus. Ficar só, sem continuadores, pareceu possível a Jesus. Inadmissível, anacrônica e absurda a perspectiva de alterar os planos que o Pai tinha sobre Ele (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

# SOLLICITUDO REI SOCIALIS: UM RESUMO DA ENCÍCLICA

*“Face ao problema do subdesenvolvimento, a Igreja não tem soluções técnicas e não propõe sistemas ou programas. Mas tem uma palavra a dizer. Ao fazê-lo, a Igreja cumpre a missão de evangelizar. É sua primeira contribuição”.*

**Pe. Thierry Linard de Guertechin, SJ**

## I. Introdução

Desde a encíclica *Rerum Novarum*, em 1891, os papas interessaram-se pela questão social e, por sucessivas contribuições magisteriais, constituiu-se a Doutrina Social da Igreja. É neste corpo de ensinamentos sociais que se insere a encíclica *Populorum Progressio* que Paulo VI publicou há vinte anos. Na presente encíclica o Papa João Paulo II quer homenagear o documento de Paulo VI e reafirmar a *continuidade* da doutrina social da Igreja e, conjuntamente, a *constante renovação*. A doutrina é *constante* porque se mantém idêntica sobretudo na sua ligação vital com o Evangelho; por outro lado esse ensino é sempre *novo* porque está sujeito a necessárias e oportunas adaptações. A presente *reflexão* tem a finalidade de acentuar a necessidade de uma concepção mais rica e mais diferenciada do desenvolvimento.

## II. Novidade da encíclica “Populorum Progressio”

A encíclica *Populorum Progressio* apresenta-se como um *Documento de aplicação dos ensinamentos do Concílio Vaticano II*; é uma resposta ao *apelo conciliar*, exposto logo no início da Constituição *Gaudium Et Spes*.

*Populorum Progressio* é um documento da Igreja destinado “a todos os homens de boa vontade”, abre a dimensão econômica e social do desenvolvimento ao caráter cultural e ético da problemática do desenvolvimento, e reconhece que a “questão social” assumiu uma dimensão mundial. O grave problema de desigualdade na repartição dos meios de produção leva a uma *obrigação moral* de tomada de consciência e a um dever de solidariedade.

O desenvolvimento sendo o novo nome da paz, a *exigência de justiça*

só pode ser satisfeita no plano mundial. Por isso a guerra e corrida armamentista são o maior inimigo do desenvolvimento integral dos povos. À luz da expressão de Paulo VI somos convidados a rever o *conceito de desenvolvimento* que não pode consistir na simples satisfação das necessidades materiais mediante a acumulação da riqueza. Pela solicitude do *bem comum* de toda a humanidade, a paz seria *possível*, como fruto de uma "justiça mais perfeita entre os homens".

### III. Panorama do mundo contemporâneo

As esperanças de desenvolvimento aparecem hoje muito longe da sua realização. Apesar do otimismo de *duas décadas do desenvolvimento* (1960-1970 e 1970-1980), persistiu e não poucas vezes alargou-se o *fosso* entre o Norte desenvolvido e o Sul em vias de desenvolvimento, sem ignorar que as fronteiras da riqueza e da pobreza passam pelo interior das próprias sociedades. A divisão do mundo em I, II, III e, para alguns, IV mundo, compromete a *unidade do gênero humano*. A Igreja, sacramento dessa unidade, não pode ficar indiferente.

Aos "índices econômicos e sociais" do subdesenvolvimento têm que se juntar outros índices, igualmente negativos e preocupantes, a começar pelos do plano cultural: analfabetismo, falta de educação, formas de exploração e de opressão — econômicas, sociais, políticas e também religiosas — da pessoa humana e dos seus direitos, as discri-

minações (especialmente a que se funda na diferença de raça).

Será que a triste realidade de hoje não provém de uma *concepção demasiado limitada*, ou seja, predominantemente econômica, do desenvolvimento? É necessário denunciar a existência de *mecanismos* econômicos, financeiros e sociais que, embora conduzidos pela vontade dos homens, funcionam muitas vezes de maneira quase autônoma, tornando mais rígidas as situações de riqueza e de pobreza. Isso leva a consequências funestas e o desenvolvimento sofre um *processo de regressão*. Os *sintomas específicos* do subdesenvolvimento são dramáticos: a crise da moradia, o desemprego e o subemprego. Outra agravante é o *mecanismo contraproducente* da dívida externa (internacional) dos países devedores que se tornaram exportadores de capital.

As causas dos obstáculos ao desenvolvimento, e em certos casos, da acentuação do subdesenvolvimento são *políticas*: a existência de dois blocos político-ideológicos, cada um transferindo a sua concepção do desenvolvimento aos países do Sul. Daí a atitude crítica da doutrina social da Igreja, quer em relação ao capitalismo liberal, quer em relação ao coletivismo marxista. Será que estes dois sistemas são suscetíveis de transformações de modo a promoverem um verdadeiro e integral desenvolvimento do homem e dos povos? O imperialismo e a corrida armamentista conseqüente, por motivos da própria segurança, é uma grave desordem moral, desvia recursos e fundos que, por obrigação mo-

ral, devem servir à cooperação ao desenvolvimento.

Apesar do saldo negativo dos dois decênios do desenvolvimento, notam-se alguns aspectos positivos: uma preocupação mais vivida com o respeito aos direitos humanos, a consciência de que a paz é indivisível e não pode existir sem justiça, a preocupação ecológica e o empenho das grandes organizações internacionais.

#### IV. O autêntico desenvolvimento humano

O desenvolvimento não é um processo retilíneo, quase automático e ilimitado. A um *otimismo mecanicista* opõe-se uma inquietude pelo destino da humanidade. Entrou em crise a própria concepção "econômica" ou "economicista" do desenvolvimento que não pode se entender como mera acumulação de bens e serviços. A dimensão econômica do desenvolvimento é necessária mas não suficiente para realizar a felicidade humana e a libertação de toda e qualquer forma de escravidão. Sem *intenção moral* o processo de desenvolvimento volta-se contra os homens para os oprimir: por exemplo, as misérias do subdesenvolvimento ao lado de uma espécie de superdesenvolvimento (civilização do "consumo").

O desenvolvimento mede-se segundo um *parâmetro interior*, que está na natureza específica do homem criado por Deus à sua imagem e semelhança. Por isso, o desenvolvimento não pode consistir somente no uso, no domínio e na posse in-

*discriminada* das coisas criadas e dos produtos das indústrias humanas. Segundo a Sagrada Escritura, a noção de desenvolvimento aparece como a *expressão moderna* de uma dimensão essencial da vocação do homem. Não seria *digno do homem* um tipo de desenvolvimento que não respeitasse e não promovesse os *direitos humanos* incluindo os *direitos das nações e dos povos*. Somente no quadro da *solidariedade e da liberdade*, o verdadeiro desenvolvimento funda-se no *amor a Deus e ao próximo* ("civilização do amor").

#### V. Uma leitura teológica dos problemas modernos

Os *obstáculos* ao desenvolvimento são de natureza econômica e sobretudo política. Para superar os mecanismos perversos é necessária não somente uma vontade política eficaz, mas também *determinações essencialmente morais*. Um mundo dividido em blocos mantidos por ideologias rígidas que impede a solidariedade, é um mundo submetido a "estruturas de pecado", que se radicam no pecado pessoal e estão ligadas a *atos concretos* e induzem outros pecados. Na base das ações e duas atitudes opostas à vontade de Deus e ao bem do próximo e das "estruturas" a que elas induzem, há a *avidez exclusiva do lucro* por um lado e a *sede do poder* por outro lado. As vítimas desta dúplice atitude de pecado não são só os indivíduos mas também as nações, favorecendo assim a introdução das "estruturas de pecado" (por exem-

plo certas formas modernas de “imperialismo”).

No caminho de uma desejada conversão, rumo à superação dos obstáculos morais para o desenvolvimento, aponta-se, como *valor positivo e moral*, a consciência crescente da *interdependência* entre os homens e as nações. Essa interdependência assumida como *categoria moral* suscita como atitude moral e social e como “virtude”, a *solidariedade*, ou seja a *determinação firme e perseverante* de se empenhar pelo *bem comum*. Aplicando a solidariedade dos pobres entre si às relações internacionais, instaurar-se-á um *verdadeiro sistema internacional* regido pelo princípio da *igualdade* e pelo respeito das diferenças. As “estruturas de pecado” opõem-se à paz e ao desenvolvimento. A solidariedade é *caminho para a paz e, ao mesmo tempo, para o desenvolvimento*.

A *solidariedade*, sendo uma virtude cristã, reveste as dimensões especificamente cristãs da *caridade*, amor ao próximo — imagem viva de Deus. Aqui o cristão recebe um *novo critério* de interpretação do mundo que delineia um novo modelo de gênero humano: a “*comunhão*”. Os “*mecanismos perversos*” e as “*estruturas de pecado*” só poderão ser vencidos mediante a prática da solidariedade humana e cristã.

## VI. Algumas orientações particulares

Face ao problema do subdesenvolvimento a Igreja não tem solu-

*ções técnicas* e não propõe sistemas ou programas, contanto que a dignidade do homem seja respeitada e promovida. A Igreja “*perita em humanidade*” tem *uma palavra a dizer*. Ao fazê-lo, a Igreja cumpre a missão de *evangelizar*, porque dá a sua *primeira contribuição* para a solução do urgente problema do desenvolvimento.

A *doutrina social* é o *instrumento* para alcançar este objetivo. Ela não é uma “*terceira via*” entre *capitalismo liberal* e *coletivismo marxista*. Não é tampouco uma *ideologia*, mas a *formulação acurada* dos resultados de uma reflexão e análise à luz da fé. Atenta às complexas realidades da existência do homem, na sociedade e no contexto internacional, deve abrir-se para uma *perspectiva internacional*.

A estimulante preocupação pelos pobres — “os pobres do Senhor” — deve traduzir-se em atos concretos até chegar decididamente a uma série de reformas necessárias: a reforma do sistema internacional de comércio, a reforma do sistema monetário e financeiro mundial, o intercâmbio de tecnologia, a revisão da estrutura das organizações internacionais no quadro de uma ordem jurídica internacional.

O desenvolvimento requer espírito de iniciativa. Cada povo deve esforçar-se pelo próprio desenvolvimento, particularmente pela alfabetização, a educação de base, o incremento da produção alimentar, a democratização das instituições políticas, a participação social e política. Tudo isto realizar-se-á com a

*colaboração de todos* no quadro de uma *solidariedade* internacional.

## VII. Conclusão

Os povos e os indivíduos aspiram à própria libertação para usufruir uma "vida mais humana". Em algumas áreas da Igreja Católica, em particular na América Latina, difundiu-se uma *nova maneira* de enfrentar os problemas da miséria e do subdesenvolvimento, que fez da *libertação* a categoria fundamental e o primeiro princípio de ação, tendo em conta a íntima conexão entre libertação e desenvolvimento.

Um desenvolvimento somente econômico não está em condições de libertar o homem. Um desenvolvimento que não abranja as *dimensões culturais, transcendentales e religiosas* do homem e da sociedade, não está contribuindo para a verdadeira libertação. O obstáculo principal a superar para uma verdadeira libertação é o *pecado*, fortalecido pelas *estruturas* que ele suscita, à medida

que se multiplica e se expande. O processo do *desenvolvimento* e da *libertação* concretiza-se na prática da *solidariedade*, particularmente com os mais pobres.

No quadro do *panorama predominantemente negativo* dos últimos anos e do momento atual, a Igreja deve afirmar a *possibilidade* de superar os entraves que se interpõem ao desenvolvimento e confiar no homem, confiança e possibilidade fundada, em última instância, na promessa divina do Reino de Deus e na dignidade da pessoa humana.

Se nenhuma realização temporal se identifica com o Reino de Deus, não é menos verdade que todas as realizações refletem e antecipam a glória do Reino de que a Celebração Eucarística é o Sacramento. Todos nós, os que participamos na Eucaristia, somos chamados a descobrir, mediante este sacramento, o *sentido* profundo da nossa atividade no mundo, em prol do desenvolvimento e da paz. □

---

### Boas intenções não fazem ninguém cristão

Bíblia — “Se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe adiantará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo? A fé, se não tiver obras, está morta em seu isolamento”, Tg 2, 14. 17.

Leitor — O corpo sem a alma está morto. Não age. A fé sem as obras está morta. Não reage. As obras são a alma, isto é, o princípio vital que move a fé. Sem as obras de caridade, de justiça, de fraternidade, de solidariedade que comprovem a fé, ninguém é cristão. Boas intenções não fazem ninguém cristão. As obras, frutos da fé, são o critério para o julgamento de Deus. No entanto, as obras não são a causa da fé. A fé é sincera, quando põe em prática o que professa, pois o cristianismo é mais do que satisfação intelectual (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

# UMA REESCUTA PRÁTICA DA VOZ DO ÊXODO

## CONTRIBUIÇÕES DA TEOLOGIA NARRATIVA PARA A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

*“O Êxodo não é suscitado apenas por uma situação de opressão, mas acontece porque existe Alguém que ouve o clamor do povo e faz ouvir sua voz que ordena a saída desta situação”.*

**Pe. Henrique de Ternay, SJ e Irmã Lúcia Weller**

### INTRODUÇÃO

Propomos, neste estudo, um confronto entre a Teologia Narrativa e a Teologia da Libertação, em vista de um enriquecimento e questionamento mútuos apesar de que elas não são da mesma ordem (1a).

O objetivo desta reflexão é fazer emergir dados e elementos da TN que possam provocar a caminhada da Tdl e estimular suas práticas comunitárias e eclesiais, na perspectiva da opção pelos pobres.

A Tdl sempre teve o Êxodo como uma de suas referências bíblicas mais fortes. A TN nos convida a fazer uma releitura do Êxodo a partir de seu cumprimento na Morte-Ressurreição de Jesus Cristo. Não seria este momento crucial o lugar privilegiado para uma fundamentação bíblica da opção pelos pobres?

Parece assim necessário passar de uma leitura de conjunto da Bíblia (1b) para uma escuta rememorativa dos conflitos que provocam novos êxodos numa “sociedade de crucificados”.

O fio condutor do nosso processo de reflexão é o paradigma do Êxodo com a dinâmica inerente ao mesmo. A voz que fez sair o povo de Israel da “casa da escravidão” chamou também o Filho do Homem a se entregar totalmente para fazer passar da morte para a vida toda a comunidade humana. A “recordação perigosa” de sua Páscoa provoca, na maior solidariedade, os êxodos das massas de crucificados em nossa sociedade, a fim de permitir o cumprimento da aliança definitiva. Surge aqui uma problemática: de que maneira se pode identificar os crucificados de nossa sociedade com o Cristo Ressuscitado ainda Crucifi-

cado? Que mediações legitimam esta transposição do corpo de Jesus para o corpo da humanidade? Até que ponto esta voz exodal, tão fraca, pode assumir a força de um que-rigma e pretender tornar-se voz universal e núcleo central da fé cristã?

Um tema tão fundamental da Revelação Cristã desafia nossa solidariedade com os sofredores e perseguidos de nosso tempo, os crucificados de nossa sociedade. Uma re-escuta prática da voz do Êxodo, hoje, exige um despojamento de todas as imagens idolátricas que nos paralisam e deixam surdos.

A releitura narrativa da Bíblia, no contexto latino-americano, deve levar em conta os clamores e conflitos dos emudecidos pelas injustiças e pela discriminação (2a).

## 1 — BREVE HISTÓRICO DA TEOLOGIA NARRATIVA

Não se trata de fazer aqui um histórico isolado e alheio, mas voltar às fontes das teologias modernas, contando os passos significativos que deram origem à TN.

### 1.1. O desafio da história para a salvação (BARTH, BULTMANN, KÄSEMANN)

A teologia moderna teve que enfrentar o desafio da articulação da salvação com a história. A partir dessa tarefa surgiram duas correntes teológicas: a de BARTH e a de BULTMANN.

BARTH e BULTMANN concordam sobre o objeto essencial da

A reflexão desenvolve-se, aqui, em três etapas:

1 — Para entender os desafios que provocaram o surgimento da TN, devemos situá-la no processo histórico das teologias modernas no contexto europeu e latino-americano.

2 — Considerando que a TN propõe uma leitura de conjunto da Bíblia baseada na memória auditiva, desenvolveremos, num segundo momento, o processo de releitura narrativa da Revelação Cristã, a partir do eixo do Êxodo.

3 — Da caminhada prática com a TN surgirão, finalmente, algumas contribuições que esta nova reflexão teológica pode oferecer à TdL, num diálogo intercomplementar (2b).

teologia que é Deus na sua Revelação. Diante da síntese liberal da revelação e da história, que gera as “vidas de Jesus”, BULTMANN interrogava: Como distinguir a história universal do mundo da história singular de Deus com o homem em Cristo? Segundo o mesmo autor, Barth confunde a compreensão objetiva da história de Deus com o homem e a compreensão subjetiva da história do homem. Para evitar isto propõe que se deve privilegiar o Cristo da fé ao Jesus histórico.

KÄSEMANN não tarda em ver os limites desta valorização unilateral do Cristo da fé, proposta por BULTMANN. Resgata o valor do Jesus histórico, sem, no entanto, fi-

car numa mera constatação do fato histórico em si. A chave do problema não é só a questão do Jesus histórico tomada isoladamente como uma alternativa ao querigma. Ela é, efetivamente, para KÄSEMANN, a apreensão do querigma sob a forma de narração: Jesus proclamava e foi proclamado, contava e foi contado.

### 1.2. A memória da paixão-ressurreição de Jesus Cristo como origem da Teologia Narrativa (Jüngel e Metz)

É por este veio que JÜNGEL e METZ desenvolvem uma reflexão sobre a relevância da narração para a Teologia. A perspectiva de Jüngel é mais teórica, enquanto a de Metz procura fazer uma conexão com sua Teologia Política.

O contributo de JÜNGEL é de voltar ao drama da cruz de Jesus como lugar onde a humanidade de Deus se revela definitivamente ao homem. Paradoxalmente, neste momento de silêncio e de total abandono, a palavra de amor de Deus se faz ouvir com toda sua força libertadora, provocando uma reviravolta na história.

Neste lugar a proibição das imagens encontra o seu sentido mais profundo porque Deus se dá a contemplar de tal maneira que o Cristo crucificado, solidário com todos os que sofrem, se torna a verdadeira imagem de Deus. Os textos mais antigos que relatam esta história são as cartas apostólicas. Estas afirmam que a contemplação de Deus se en-

contra exclusivamente no Crucificado (cf. Gl 3,1 com 1 Cor 2,2). O caráter definitivo da revelação divina e a maneira singular e única com a qual o Pai se revela na cruz de seu Filho, não deixam a história de Deus se dissolver ou diluir em histórias: "Deus não tem histórias, Ele é história" (3).

O caráter único e definitivo da humanidade de Deus culmina na confissão: "Deus é amor" (1 Jo 4,8.166). Contar o ser de Deus a partir do acontecimento da Cruz não pode e não deve querer dizer outra coisa que contar o amor de Deus. Mas como o Deus-amor não pode ser pensado a não ser em razão de sua identidade com o homem Jesus ligado a todos os que sofrem, e como também a essência do amor implica o face-a-face daquele que ama com o amado, confessar que Deus é amor leva necessariamente a conceber Deus uno e trino revelado na história. Para Jüngel a narração é a linguagem adequada para falar do Deus que se revela na história (4). Assim, para o teólogo de Tübingen, narrar o amor de Deus que se manifesta na cruz leva a narrar a vida de amor que une as três pessoas da Trindade.

Metz parte da verdade fundamental de que a fé cristã se expressa como *memoria passionis mortis et resurrectionis Jesu Christi*. A dinâmica da TN, segundo este autor, permite e obriga à atualização desta memória, a partir de uma releitura do sofrimento acumulado na história para daí fazer brotar um futuro novo de esperança.

Esta visão de unidade entre *memoria passionis* e *memoria resurrectionis* se contrapõe à tentativa de distinguir a história universal da história da salvação. História da salvação é, segundo Metz, história universal, na qual as esperanças humilhadas e sufocadas e os sofrimentos se revestem de sentido.

A memória cristã se exprime como uma “recordação perigosa” que nos liberta para sofrermos com os que sofrem e abrir-nos à profecia do sofrimento alheio. Ela se transformará em recordação libertadora perante as pressões e os mecanismos da consciência dominadora e seu abstrato ideal de emancipação.

Neste sentido cristão, a memória do sofrimento constrói a consciência social e política, a partir da preocupação pelo sofrimento alheio.

Na recordação deste sofrimento Deus aparece, em sua liberdade escatológica, como o sujeito e o sentido da história em seu todo. A memória cristã do sofrimento encerra em si a antecipação de um determinado futuro da humanidade enquanto futuro dos sofredores, dos sem esperança, dos oprimidos, dos prejudicados e dos inúteis desta terra. Tal memória traz consigo uma nova idéia do sofrimento alheio em benefício dos fracos e dos sem-voz e por isso se torna “recordação perigosa” para os poderosos e opressores (5).

A tese fundamental de METZ é assim formulada: “Uma teologia da salvação que não condicione ou suspenda a história da salvação nem ignore ou despreze dialeticamente a

não identidade da história do sofrimento, não pode ser simplesmente argumentativa; ela deve ser explicada também narrativamente; ela é fundamentalmente uma teologia memorativa-narrativa” (6).

Para METZ a TN é, pois, teologia do futuro — escatologia aberta — enquanto memória do passado a partir da ótica dos oprimidos, pobres, fracos, vencidos e crucificados da história. Aí se apresenta o ponto de contato com a teologia política, a teologia da esperança e a prática da teologia da libertação (7).

Uma das perguntas que se levanta para nós, após a consideração da TN na ótica européia, é a seguinte: Até que ponto essa Teologia assim praticada ou pelo menos refletida por JÜNGEL e METZ, de fato narra, ou fica limitada às exigências da argumentação, enquanto teologia sistemática? Neste sentido, na teologia negra norte-americana, a “teologia narrativa” é desenvolvida com maior coerência. J. H. CONE sublinha a importância do narrar e contar as experiências na tradição negra, a partir da situação social dos escravos. Esta teologia detém-se mais no centro narrativo da mensagem cristã libertadora e na narração da história da salvação pessoal e coletiva da classe escravizada do que nas pesquisas teológicas (8).

A crítica à teologia européia é que esta é sistemática demais e pouco prática. Para introduzir o seguinte passo de nossa reflexão, podemos levantar a pergunta: Será que a teologia latino-americana representa um avanço na dimensão prática da narração?

### 1.3. A prática da TN no contexto latino-americano

A TN, na América Latina, surgiu da prática das Comunidades Eclesiais de Base, de modo muito espontâneo (9). A tentativa de reflexão mais sistemática, no sentido de desenvolver o método da Teologia Narrativa propriamente dita, com características latino-americanas ocorreu recentemente no México (10).

Javier GARIBAY propõe a seguinte definição da TN na perspectiva latino-americana: "A TN é uma leitura dos acontecimentos à luz do seguimento de Cristo, centrado no Reino que pede conversão" (11).

O método da TN, segundo esta definição desdobra-se em três momentos interligados:

1.º — A narração que consiste num relato do que está acontecendo nas comunidades. Não se trata aqui de um relato neutro, frio e impessoal. O próprio ato de narrar já inclui a interpretação e a experiência da comunidade. Ao mesmo tempo que interpreta o passado, a narração abre perspectivas para o futuro e exige um compromisso temporal histórico em vista da transformação.

2.º — Descoberta de sinais da presença de Deus como apelos históricos. Narrador e ouvintes procuram descobrir sinais da presença e atuação de Deus e responder a eles por meio de um projeto concreto de ação. O modelo de referência para este segundo momento é o pró-

prio Evangelho que narra a prática de Jesus e o seu anúncio do Reino do Pai pela força do Espírito. "Jesus e o Reino são os critérios de julgamento para que se descubra na narração do primeiro momento deste método a ação de Deus; para que se descubra se os atores que entram na narração estão atuando como cristãos ou não, contribuindo para o Reino ou para o anti-reino" (12).

3.º — Daí se segue um apelo à conversão, a uma vida coerente com o chamado de Deus manifesto na narração, nos acontecimentos. Exige o compromisso com um projeto de ação transformador da história, em vista da construção do Reino de Deus (13).

Deste modo a TN é, efetivamente, narração e reflexão de fé sobre a narração que pode estar contida já na própria narração.

Este método da TN latino-americana não é totalmente original, mas deriva de dois veios teológico-pastorais: da Teologia do Político e da metodologia pastoral "Ver-Julgar-Agir" (14).

Ao lado da prática e da reflexão empírica das CEBs, a mudança do lugar de produção teológica foi um dos fatores que mais contribuiu para o florescimento da TN como gênero literário e metodologia mais adequados para a teologia latino-americana.

Segundo F. TABORDA, a novidade do gênero literário narrativo e do seu método correspondente "fa-

vorece a criação de fórmulas lapidares, propicia o surgimento de intuições promissoras, obriga a assumir problemas inéditos, exige precisar determinadas idéias em voga” (15).

## **2 — O PARADIGMA DO ÊXODO COMO FIO CONDUTOR NUMA RELEITURA DE CONJUNTO DA BÍBLIA**

O paradigma do Êxodo exerce um papel fundamental e determinado na constituição da Bíblia como revelação de conjunto, bem como no processo de suas releituras narrativas a partir da escuta ativa e prática (16).

### **2.1. O Êxodo como ponto de partida**

O Êxodo não é suscitado apenas por uma situação de opressão, mas acontece porque existe Alguém que ouve o clamor do povo e faz ouvir sua voz que ordena a saída desta situação. Esta voz fraca e quenótica (forte na sua fraqueza) de um Deus Santo é um imperativo de êxodo que faz sair o povo de uma situação de escravidão e pecado para se tornar um povo livre e santo, numa primeira proposta de aliança.

O Êxodo de Israel, na saída do Egito, culmina num processo de narração que abre e prepara o caminho para outros êxodos. É o acontecimento básico e um memorial da libertação de Israel. É o Credo do povo (cf. Dt 26,5-9).

O povo canta e celebra a vitória deste Êxodo (cânticos de Moisés e de Míriam), mas reconhece também a fragilidade e a provisoriedade da

Nisto evidencia-se sua proximidade com a TdL. Pelo seu caráter autobiográfico a TN revela o teólogo como homem de fé e faz teologia a partir da vida de fé da comunidade.

primeira vitória sobre os forças do mal (cf. Ex 15,1-21).

Não se trata de uma libertação definitiva porque somente um povo fez a passagem e esta ainda é provisória. A promessa não se esgotou com o dom da terra, mas joga para além (16a).

### **2.2. Do Êxodo de Israel aos êxodos de hoje passando pela Cruz de Cristo**

Por que o imperativo do êxodo conserva sua urgência depois da saída do povo da “casa de servidão”: O Egito? Porque há resistências de ambas as partes: do povo e dos representantes do faraó — que criam novas situações de opressão. A libertação é um processo. O povo deve aprender junto com seus líderes a viver como povo libertado e livre.

Deus suscita Juízes (cf. Jz 2,11-23) do meio do povo, para uma organização da sociedade igualitária e fraterna. Uma comunidade de partilha, onde Javé era o único Deus. Entretanto o povo volta a cair na sua idolatria.

Os Reis aproveitam do poder político para oprimir o povo, condu-

zindo-o até o caos do exílio. A partir desta prova da passagem pelo "nada" que tira todas as esperanças do cumprimento da promessa e da primeira aliança, os profetas anunciam um novo êxodo capaz de libertar definitivamente o povo das forças de opressão, no contexto de uma nova aliança (cf. Jr 31,31-34; Ez 16,59-63; Is 51,9-12; 54,9-10).

Mas, quem seria capaz de romper definitivamente o círculo vicioso da escravidão-libertação do qual não parece possível sair?

Somente o Filho único de Deus, na pior situação de abandono, faz a passagem definitiva da morte para a vida, da escravidão para a libertação, como um futuro aberto, agora, para todos os povos. O único capaz de ouvir a voz de amor do Pai até o fim é o seu Filho amado, na sua quenosse extrema de entrega na cruz (Fl 2,6-11). Ele não fica numa solidão vazia, nesta hora, porque escuta e acolhe o imperativo da santidade, o mandamento do amor. Neste momento decisivo a exigência de santidade não pode mais ser vivida na distância, mas na proximidade solidária dos sem-voz, dos fracos, dos pequenos e dos crucificados. O Filho pode ser solidário de todos os homens porque assumiu em seu corpo desfigurado, torturado e violentado a voz do Pai e voz do clamor do povo, simultaneamente.

A realidade nos mostra, entretanto, às vezes de uma maneira brutal, que as situações de opressão e de escravidão não acabaram com este Êxodo definitivo. Pelo contrário, são massas anônimas de oprimidos e explorados que fazem chegar até nós

seu clamor mudo, porque foram emudecidos pela violência dos poderosos. Então, o círculo vicioso escravidão — libertação de fato não foi rompido em Jesus Cristo?

É aqui que nossas celebrações comunitárias da memória da paixão e ressurreição de Jesus Cristo nos desafiam a uma releitura narrativa do paradigma do Êxodo na Bíblia, a partir de uma escuta comprometida (17).

### **2.3. A importância da narração na formação e no processo de releitura da Bíblia**

Como se formou o texto bíblico para chegar até nós? Foi muitas vezes contado, citado, escrito e copiado. Na base da transmissão está o contar sempre de novo, de geração em geração, as tradições de um povo. Ora, contar, lembrar e reescrever um texto já por si só é um processo dinâmico e não mecânico. Ao recontar se recria, pois situações novas e novos ouvintes necessitam ser envolvidos. O AT está repleto deste processo de atualizações e releituras. Portanto, os textos bíblicos emergem de um longo processo de transmissão; são marcos de releituras e atualizações (18).

A propósito desta mesma questão diz G. von Rad que "a forma mais legítima de qualquer exposição teológica do AT continua sendo a repetição em forma narrativa" (19).

O essencial da mensagem da Boa-Nova se faz ouvir só quando Lei, Profetas e Escritos Sapienciais conduzem ao mistério pascal da paixão-

morte-Ressurreição de Jesus Cristo. O Ressuscitado ainda Crucificado nos convida então a reler, a partir dele, os Escritos Sapienciais, os Profetas e a Lei (cf. Lc 24,27.44-48) (20). O Espírito Santo garantirá a continuidade das releituras da Boa-Nova ao longo da história (Jo 14-26).

Neste processo de releitura, a dinâmica da leitura progressiva é impulsionada pela esperança do cumprimento, enquanto que a leitura retroativa parte do momento do cumprimento para explicitar sua novidade em relação ao que estava latente no passado. A partir daí abrem-se novas perspectivas para o futuro.

Dando um passo além da nossa reflexão veremos como se concretiza esta dinâmica exodal na Morte-Ressurreição de Jesus Cristo.

#### **2.4. Uma releitura narrativa do Êxodo a partir da Páscoa de Jesus Cristo**

Quais são os efeitos, os componentes e os atores que exprimem mais diretamente o novo e definitivo do Êxodo da Cruz, em relação ao Êxodo de Israel e em vista dos êxodos futuros?

##### **2.4.1. Os efeitos**

A dimensão revolucionária é um dos efeitos mais eloquentes do Êxodo da Cruz de Cristo. Assim, a mulher que foi proclamada feliz porque acreditou no cumprimento do que lhe foi dito pelo Senhor (cf. Lc

1,45), no seu cântico do Magnificat expressa antecipadamente o alcance revolucionário deste Êxodo: "O poderoso cujo nome é santo mostrou o poder de seu braço e dispersou os que se orgulham de seus planos, derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes, encheu de bens os famintos e aos ricos despediu de mãos vazias" (cf. Lc 1,46-55).

A reviravolta da história é total. O acesso à libertação definitiva passa por uma aliança de Deus com os humildes, os famintos, os pobres, enquanto derruba os orgulhosos, os poderosos e os ricos (21).

Maria é a mulher que viveu o desafio do Êxodo num processo de releitura. Relê o que aconteceu nela na dimensão do Êxodo de Israel (Magnificat — Cântico de Ana 1Sm 2,1-10). No Pentecostes, sob a animação do Espírito, Maria com os discípulos faz a releitura do Êxodo da Cruz de seu Filho. Desta releitura brota sua força narrativa e querigmática. Toda situação do mundo há de mudar e sofrer uma reviravolta no espírito das bem-aventuranças. Por isso ela própria é chamada bem-aventurada.

Uma outra mulher grávida da esperança do povo, Ana, já havia cantado a dinâmica revolucionária desta libertação a partir da realidade do Êxodo de Israel. "Ninguém é santo como Javé. O arco dos poderosos é quebrado enquanto os fracos são revestidos de vigor. Os fartos se assalariam para ganhar pão enquanto os famintos são saciados" (cf. 1Sm 2,1-12).

O Deus Santo capaz de promover a justiça ao alcance de todo o projeto da criação, é um Deus Amor que revela seu mandamento de amor na entrega total de seu Filho (cf. Jo 3,16; 10,17-18).

Esta releitura narrativa e festiva mostra os efeitos do Êxodo de Jesus Cristo e nos leva a perguntar pelos seus componentes e atores.

#### 2.4.2. Componentes e atores

Nos relatos da Paixão encontramos diversas dinâmicas de interação dos componentes e atores (22). O drama divide progressivamente estes atores e componentes em dois pólos opostos. Do lado das forças do mal se concentram todos os poderes religiosos, políticos, sociais e ideológicos da época. Para acelerar o processo da condenação e da morte de Jesus unem-se até mesmo os inimigos: — “Naquele dia Herodes e Pilatos se fizeram amigos, pois antes eram inimigos” (Lc 23,12).

O próprio povo se deixa manipular pelos poderosos para gritar com toda a força: — “Crucifica-o!” (Lc 23,21). Zombando do Crucificado exigem a prova da força do milagre.

As forças do mal sabem fazer uso da covardia de Pilatos, o representante do poder romano. O inocente é entregue ao aparelho judiciário da força dominadora do Império Romano.

Enquanto as forças do mal sabem aproveitar todas as estratégias para se fortificar, as forças do bem se diluem, dispersam e enfraquecem.

O grupo dos discípulos foge e se dispersa desde Judas, o traidor, comprado pelo poder, até Pedro, o renegador.

Segundo o quarto Evangelho, apenas algumas mulheres, entre elas aquela que proclamara o cântico do Magnificat e a figura anônima do discípulo amado, têm a coragem de mostrar resistência às forças do mal. Acompanharam o inocente condenado até a cruz, permanecendo aí, de pé (cf. Jo 19,26).

Aparentemente mesmo o Pai não está aí: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Mc 14,34).

Neste Êxodo da Cruz houve, pois, um processo de esvaziamento completo. Para se fazer pobre com os pobres, na sua obediência até a morte, o Filho como Servo se apegou a uma única riqueza: a voz de amor do Pai. “Aquele que tinha a condição divina não considerou o ser igual a Deus como algo a se apegar, ciosamente, mas esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana e reconhecido em figura humana, humilhou-se e foi obediente até a morte de cruz” (Fl 2,6-8).

No Êxodo de Israel não havia nada para ver, apenas uma voz se fez ouvir (Dt 4,12-15; Nm 7,89; Ex 33,9-11). Não viram nenhuma imagem para que não fizessem nenhuma imagem esculpida nem talhada (cf. Dt 4,15-20).

Já neste primeiro Êxodo a voz de Deus como Promessa fazia caminhar o povo, impedindo a tentação de acomodar-se num ver idolátrico.

Proibindo as imagens, a voz fazia passar a promessa pelo seu despojamento, obrigando a vivê-la na dimensão da confiança (cf. Hb 11,8-10.17-19).

No Êxodo de Jesus, a voz do Pai se faz ouvir no meio do silêncio e do mais completo abandono, fazendo passar a fé do Servo pela noite das dúvidas as mais existenciais (23).

Neste momento, porém, Jesus não está só (cf. Jo 16,32). Dentro do "nada" pelo qual passa o Filho no seu esvaziamento, há uma voz a ser escutada: a voz de amor do Pai. Por isso o "nada", a Morte, não leva ao vazio e ao caos, mas à plenitude da ressurreição para uma vida nova. Nesta hora crucial não se trata de mais de uma simples passagem, mas de uma revolução verdadeira.

A humanidade de Deus se revela ouvindo o clamor do povo, através do grito de abandono de seu Filho amado. O desafio da morte provoca o autor da vida: Deus. Toda a humanidade de Deus se concentra, agora na voz de amor do Pai que liga o corpo de seu Filho, na maior solidariedade, a todos os corpos mutilados, enfraquecidos e explorados do povo. Assim, a dimensão quenótica da palavra, como voz, permite a Deus não só tornar-se humano, mas solidarizar-se com o mais vulnerável, conflitivo e fraco da humanidade. Encarnada no corpo do Filho crucificado, esta voz se torna agora clamor do povo (24).

A escuta incondicional da voz de amor do Pai até o fim, impede as

forças do mal de terem a última palavra, no momento em que tudo leva a pensar que estão triunfando. A elevação na cruz torna-se a hora da glorificação (cf. Jo 12,23-24; 17,1). Aquele que se esvaziou totalmente, pode fazer passar, com ele, toda a comunidade humana da morte para a vida. Os poderosos são derrubados e os famintos saciados.

Por ter obedecido à sua voz de amor até a morte de cruz, "Deus o exaltou grandemente e o agraciou com o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho de quantos há no céu, na terra e nos abismos e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai" (Fl 2,9-12).

Na ressurreição do Servo pode-se fazer uma releitura que mostra as transformações dos componentes e atores que estavam em jogo no drama da Paixão.

As testemunhas da morte do Servo na cruz — as mulheres —, são as primeiras anunciadoras da sua ressurreição. Esta voz que anuncia a Boa-Nova se espalha na Força do Espírito e congrega de novo os discípulos que se haviam dispersado durante o processo da condenação, para fazer deles anunciadores do querigma a todos os povos, até os confins da terra.

Aqueles que não conseguiram ouvir a "voz" do Servo durante a paixão, reconhecem a voz do Ressuscitado quando lhes diz: "Sou eu mesmo"! (Lc 24,29). Esta é a voz do Ressuscitado, ainda Crucificado,

que grita através dos perseguidos com os quais se identifica: "Por que me persegues?" (cf. At 9,4.5; 22,7-8).

O Servo desfigurado fará ouvir sua voz nos corpos e nos rostos que aparentemente são os menos atraentes: os mutilados, as crianças que não sabem e não podem mais sorrir, os sem-voz e sem-vez na história da humanidade (cf. Puebla 31-39). Para as testemunhas da ressurreição, estes devem ser o ponto de partida e a ótica por onde se começa a recontar a transformação qualitativa e radical do Êxodo de Jesus Cristo.

Na fiel escuta da voz de amor, as forças do bem, enfraquecidas durante a prova da paixão, saem vitoriosas deste conflito com as forças do mal, na solidariedade máxima gerada pela reconciliação. "Tudo isso vem de Deus que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação. Porque é Deus que em Cristo reconciliou o mundo consigo não levando mais em conta os pecados dos homens. Ele pôs em nossos lábios a palavra da reconciliação" (2 Cor 5,18s.).

Na superação do conflito entre morte e vida se revela como a Trindade, aparentemente ausente, estava totalmente engajada neste momento decisivo da libertação da humanidade.

Aquele que parecia abandonado pelo Pai e pelo Espírito, ressuscita como primogênito de uma multidão de irmãos. Daí porque, ouvindo o Espírito do Filho em nós e em nos-

soz irmãos, podemos clamar: "Abba-Pai" (cf. Gl 4,6). Não é esta mesma voz do Espírito que está clamando hoje através dos gritos dos emudecidos e excluídos da história do passado e do presente, como aquele que ensina e faz a memória daquilo que Jesus viveu e disse? (cf. Jo 14-26) Na escuta da voz do Espírito do Ressuscitado, o sofrimento e a morte dos crucificados de hoje não cairá no caos e no vazio, mas participará da vida nova gerada na cruz de Cristo. A encruzilhada da Cruz e Ressurreição torna-se, assim, o início de um querigma e um envio que vale para os homens de todas as raças, culturas e épocas.

A Boa-Nova contida neste evento é explicitada historicamente através de um processo de querigma narrativo que levará a esperança aos pobres. Eles são convidados a celebrar a restauração da justiça de Deus. Daí o desafio para nós: enquanto houver vencidos, não reconhecidos em nossas comunidades, toda a justiça do Deus Santo está ameaçada.

A maior transformação que surge no Êxodo da Cruz é a recapitulação de todas as leis da antiga aliança no único mandamento do amor como dom e compromisso, que culmina na instauração da nova aliança (25).

É necessário que o mandamento do próprio Deus, gravado primeiramente sobre tábuas de pedra, seja para o homem "liberdade sobre as pedras" e ainda mais "liberdade nos corações de carne" (26).

Era preciso passar pela prova do caos do exílio de Israel no primeiro

Êxodo e do silêncio, aparentemente absurdo e sem sentido do abandono do Filho único na cruz — no segundo Êxodo — para ouvir dele a voz do mandamento do amor. Esta voz quenótica tem na sua fraqueza a força de interpelar toda humanidade.

Na revolução do segundo Êxodo, surgiu a transformação essencial e radical da antiga aliança, que na crise do exílio já chegou a se tornar teologúmeno da fé do povo de Israel (27). A partir daí desencadeou-se o processo da gratuidade da aliança que faltava no Sinai, onde a terra dependia ainda da observação das prescrições de Javé.

Na Páscoa de Cristo se faz ouvir a Lei do Amor com a qual se cumpre a nova aliança anunciada pelos profetas no exílio. Com o dom desta nova lei, a narração recebe uma nova dinâmica interna (28).

A revolução de um êxodo no próprio Deus e na história humana dá para contar, recordando tudo que aconteceu com Ele, a partir da memória daqueles que foram e continuam sendo vítimas dos opressores, dos poderosos, dos vencedores da história humana. O fim, isto é, o Êxodo que chegou à plenitude em Jesus Cristo é o começo de um processo que ainda não está no fim para nós (29).

Pelo contrário, as formas de opressão, que sofrem tantos e tantos membros do Cristo ressuscitado ainda crucificado, manifestam que o tempo presente, por vários aspectos, não é de Êxodo, mas de exílio.

(29 bis). Não é, entretanto, para desesperar. Do exílio surge a esperança de um novo Êxodo onde os mortos se levantarão ao ouvirem a voz do Espírito.

Mesmo E. Kant reconhece que, na hora da prova, os justos não podem se resignar em ver uma vida justa acabar no absurdo do caos do mundo. “É como se eles percebessem dentro deles uma voz dizendo-lhes que o destino deles não devia ser aquele” (29 ter). Evidentemente Kant evita de precisar de quem é esta voz, mas quem está falando nesta situação dramática, senão o Espírito? De fato, o Êxodo da humanidade requer também a destruição de todas as imagens e de todos os modelos como aconteceu no primeiro Êxodo e no Êxodo de Cristo na cruz. Mesmo o modelo “crístico” parece deixar lugar agora ao dispositivo indisponível do Espírito que se articula como a fala vindo de longe e devolvendo para outros lugares. “Você ouve a sua voz, mas não sabe donde vem nem para onde vai” (João 3,8). Não seria o Espírito, na sua missão de reunir o inconciliável, o mais capaz de ligar o corpo de Jesus glorificado mas ainda crucificado aos corpos os mais machucados da humanidade para libertá-los definitivamente?

Após esta análise do paradigma do Êxodo como fio condutor no processo da Teologia Narrativa, a partir da Bíblia, constatamos que pode existir uma provocação mútua entre a TN e a TdL, numa perspectiva dialogal e intercomplementar. Nosso próximo passo ocupar-se-á desta temática.

### 3 — CONTRIBUIÇÕES E EXIGÊNCIAS MÚTUAS DA TEOLOGIA NARRATIVA E DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

#### 3.1. Elementos positivos e lacunas da Teologia Narrativa

A partir da caminhada de reflexão feita, destacamos primeiro os elementos positivos e as lacunas da Teologia Narrativa, para descobrir o que a TdL pode oferecer à TN e como esta pode enriquecer a TdL.

##### 3.1.1. Pontos positivos da Teologia Narrativa

A narração obriga a fazer releituras que não são meras repetições, mas atualizações da Revelação, porque devem envolver tanto o narrador quanto os ouvintes e sua situação concreta, na experiência narrada.

A qualidade da memória capaz de reler a história, não segundo a perspectiva dos vencedores e dos heróis, mas dos vencidos e dos mártires, leva a TN a provocar a narração de uma anti-história oficial como verdadeira história da salvação (30). Esta nova história terá a tarefa de narrar a vitória dos fracos e dos vencidos a partir de Jesus Cristo que foi o vencido-vitorioso por excelência.

A TN leva a acolher a dinâmica do êxodo ainda *in fieri*, a partir do cumprimento definitivo da aliança na Páscoa de Jesus Cristo, numa leitura de conjunto da Bíblia, suscitada pela memória da realidade conflitual dos crucificados de hoje.

A força da TN está também na sua possibilidade de enriquecer a

Teologia Sistemática com uma Teologia Bíblica que está em permanente contato com a Palavra viva de Deus.

Por último, a TN apresenta o desafio de uma proclamação do que-rigma adaptado à particularidade das mais diversas culturas.

##### 3.1.2. Lacunas da Teologia Narrativa

A TN a partir da Europa é uma teologia que fala dos pobres, mas não parte da prática dos pobres (e ainda menos dos pobres agentes e lutadores), nem usa mediações adequadas para entrar na sua situação.

Ainda que a narração conduza à totalidade da revelação judeu-cristã, ela não segue suficientemente a progressão de alguns temas centrais, numa leitura de conjunto, que ajudaria a acolher a dinâmica do cumprimento.

A posição da TN parece um pouco isolada e alheia às outras formas de reflexão teológica. Os próprios representantes da TN europeia, JÜNGEL e METZ por exemplo, duvidam da solidez e da autonomia da mesma e se fazem a pergunta: Até que ponto a narração pode constituir-se em teologia, no sentido rigoroso da palavra (31)?

A TN a partir da América Latina ainda é bastante recente e não desenvolveu uma sistematização teológica propriamente dita. Aparece mais como gênero literário e metodologia teológica.

## 3.2. Contribuições da Teologia da Libertação à Teologia Narrativa

### 3.2.1. O paradigma do Êxodo na TdL

A TdL enfrenta urgências e desafios que a conduzem ao núcleo da memória da paixão-ressurreição de Jesus Cristo a partir do paradigma do Êxodo. Impele a uma releitura prática da fé cristã, a partir dos gritos e dos clamores do povo. “O Crucificado presente nos crucificados chora e grita: ‘Tenho fome, estou aprisionado, encontro-me nu’ (cf. Mt 25,31-46). Aqui se exige mais que contemplação uma ação eficaz. O Crucificado quer ressuscitar” (32).

A TdL reflete a partir da prática no interior do imenso esforço dos pobres com seus aliados, buscando inspirações na fé e no Evangelho para o compromisso contra sua pobreza em favor da libertação integral de todo o homem e do homem todo (33).

A força da TdL provém de sua estreita ligação com o povo oprimido e dos teólogos que se unem comunitariamente, como grupo profético, para provocar a dinâmica da libertação. Esta ligação permitiu uma maturação diacrônica da tomada de consciência teológica das estruturas do paradigma do Êxodo.

Cinco níveis desta maturação são destacados por Enrique Dussel:

1.º — A passagem de uma experiência “pessoal” (individual — abstrata) e “subjetiva” da pobreza

(como virtude) à pobreza como uma exigência de toda Igreja.

2.º — A passagem desta pobreza “subjetiva” ao fato “objetivo” do “pobre”, o outro.

3.º — A passagem do pobre descoberto na experiência espiritual do evangelho à determinação do referido pobre, graças às ciências sociais como mediação hermenêutica, como “classe” e posteriormente como povo. Passou-se assim da “subjetividade” (pobreza — virtude) para a “objetividade” (pobre, classe, povo).

4.º — A passagem deste pobre, classe, povo como objeto de uma “opção-por” à afirmação deste pobre, classe, povo como “sujeito” da Igreja e da história. Só agora surge, graças à mediação da Igreja popular, a Igreja dos pobres. Uma Igreja que tem por “sujeito privilegiado” o povo histórico-cristão dos pobres reais e concretos de carne, osso, fome e opressão.

5.º — A diacronia talvez mais em consonância com o Êxodo, é a releitura que o povo cristão vai fazendo da Escritura, a partir de sua situação histórica concreta. Esta apresenta uma realidade de opressão, de ditadura, de exploração sem esperança como um Egito latino-americano (34).

### 3.2.2. Mediações utilizadas pela TdL

A TdL utiliza primeiro mediações sócio-analíticas adequadas, como instrumental para enfrentar a situação desafiadora do mundo dos

crucificados e marginalizados em nossa sociedade. Estas são seguidas pelas mediações hermenêuticas e práticas (34a).

#### a) Mediações sócio-analíticas

A mediação sócio-analítica olha para o lado do mundo oprimido. Pergunta-se como entender o fenômeno da opressão. Não se satisfaz nem com a explicação empirista: pobreza como vício, nem com a explicação funcionalista: pobreza como atraso. Ela retém uma explicação dialética: pobreza como opressão.

Tal interpretação sócio-analítica é completada por uma aproximação histórica da problemática da pobreza. Assim o pobre é considerado na situação presente, mas como termo de um processo amplo de marginalização social. Deste modo se relêem as lutas dos pequenos ao longo de toda sua caminhada histórica.

#### b) Mediação hermenêutica

A mediação hermenêutica olha para o lado do mundo de Deus. Procura ver qual é a vontade divina com relação ao pobre. Trata-se de ver o processo de opressão-libertação "à luz da fé", isto é, à luz da Palavra de Deus, "interrogar a totalidade da Escritura, a partir da ótica dos oprimidos, tal é a hermenêutica ou leitura específica da TdL" (35).

#### c) Mediação prática

A TdL sai da ação e leva à ação, num processo prático da fé. Parte

da análise da realidade do oprimido, passa pela Palavra de Deus, para chegar à prática concreta. Por isso ela se quer uma teologia militante, comprometida e libertadora. A TdL leva a um agir que implica, entre outras tarefas em:

— determinar o que é historicamente viável ou dar o passo possível através da análise das forças existentes sem descuidar as resistências e oposições dos que desejam manter o *status quo* na sociedade e na Igreja;

— definir as estratégias e táticas, privilegiando os métodos não violentos, como diálogo, a resistência pacífica, a alternativa evangélico-profética (36).

Do uso adequado destas mediações surge a dimensão comunitária-ecclesial da vivência prática da fé cristã.

#### 3.2.3. O desenvolvimento da TdL e o crescimento das CEBs

A TdL foi ocasionada pela reflexão teológica a partir da prática comunitária da fé cristã que exigia um compromisso sócio-político do cristão. Por outro lado, a TdL ocasionou o surgimento de um novo modelo ecclesial. A Comunidade Ecclesial de Base é o marco deste novo tipo de Igreja na América Latina. O primeiro encontro das CEBs do Brasil realizado em 1975 teve como lema: "Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus" (37).

Descobriu-se aí um fato novo de uma Igreja emergente, onde as comunidades constituem uma vasta

tecedura eclesial e social, realizando a essência teológica da Igreja, da qual o povo pobre é sujeito; unindo fé e vida, salvação de Jesus Cristo com processo de libertação das opressões históricas a que os humildes estão duramente submetidos. Chamou-se a este fato originário de: *eclesiogênese* (38).

A Igreja que nasce do povo, suscitada pelo Espírito, é uma realidade da presença de Deus na história, como alguém que está do lado dos pobres. Torna visível, palpável o Reino de Deus que pertence aos pobres (cf. LC 6,20).

Uma "nova teologia" fermenta nas CEBs. Ela se expressa na maneira comunitária de o povo ler a Bíblia. Por ora é uma teologia apenas falada e narrada. Fraca e forte como a própria palavra falada. Desenvolve-se no mesmo processo como a Palavra de Deus, antes de receber sua forma escrita na Bíblia. Os pobres lêem a Bíblia a partir de sua situação de oprimidos dentro da atual sociedade. As comunidades não fazem uma leitura neutra. Fazem leitura engajada, comprometida com os seus irmãos pobres e com a sua luta (39). Deste modo fazem uma releitura atualizada da Palavra de Deus.

A comunidade de fé é um dos fatores mais eloqüentes e necessários para que a Palavra de Deus se encarne na vida do povo sofredor que luta pela sua libertação. Vivendo a solidariedade do Ressuscitado ainda Crucificado com os mais pobres, estas comunidades são impelidas a uma vivência prática da

fé como memória narrativa da sua Páscoa.

Portanto, além das mediações, a dimensão comunitária da fé prática, é um elemento relevante que a TdL pode oferecer à TN.

### 3.3. Contribuições da TN para a TdL

O ponto de partida da TdL é geralmente o primeiro Êxodo, isto é, o Êxodo de Israel. A TN a convida a uma leitura de conjunto da Bíblia centrada na memória da paixão-ressurreição de Jesus. Somente aquele que escutou a voz do Amor até o fim, pode impulsionar na Força do seu Espírito os êxodos que ainda devem acontecer na humanidade, para sua libertação integral e definitiva.

A TN incentiva para a narração festiva e celebrativa, os relatos alegres e repletos de esperança, os cânticos das primeiras vitórias dos pequenos sobre os poderosos, dos famintos sobre os saciados, dos pobres sobre os ricos, dos humildes sobre os orgulhosos. A solidariedade e a força da união organizada dos pequenos começa a derrubar os planos sutis e as armadilhas dos que detêm o poder em suas mãos. A vitória sobre as forças do mal daquele que se esvaziou até a morte, suscita uma corrente de êxodos celebrados e narrados em comunidades onde se vive a memória cristã da fé ativa na sua Páscoa.

A linguagem narrativa oferece a chance aos iletrados e analfabetos, aos camponeses e homens da roça,

aos mais simples e humildes do povo, de celebrar, com suas próprias palavras, as suas conquistas sobre o mal e a morte, hoje. Solidários com os povos sofredores da Ásia, da África e dos outros países da América Latina, participam assim do alcance universal do mistério pascal de Jesus Cristo.

## CONCLUSÃO

Diferentes situações na Europa e na América Latina provocaram o surgimento da TN e da TdL. Seu

desenvolvimento pode ser considerado até certo ponto paralelo. Entretanto, como resulta desta nossa reflexão, estas duas teologias são convidadas a um enriquecimento mútuo, aproveitando de seus enfoques respectivos.

Assim, na solidariedade que provém do mandamento do amor, terão mais chance de contribuir, no mundo de hoje, para a vivência do ministério da reconciliação ao qual todos nós somos chamados pelo Ressuscitado ainda Crucificado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(1a) Enquanto a TN corresponde a uma corrente da teologia atual, a TdL é teologia epocal, histórica, mas integral como é integral o seu objetivo: a libertação. Ela não é um tratado ou apenas um aspecto da teologia. (1b) Remetemos aqui para nossa proposta de "Um Instrumental para uma Leitura de conjunto da Bíblia, na perspectiva da libertação", in REB 46/184, Dezembro de 1986, pp. 760-783. O presente estudo nos leva a dar mais um passo na direção de uma reflexão metodológica sobre a tarefa da Teologia Bíblica na linha da TdL. (2a) Evocamos principalmente a CF/88 que, considerando a situação de discriminação do negro, nos convoca: "Ouvir o clamor do povo". (2b) Considerando que a dinâmica aqui proposta, é já em si bastante ampla, remetemos a um passo seguinte a tarefa de tirar as conseqüências deste estudo para a VR na AL. (3) Cf. JÜNGEL, E. *Dieu Mystère du monde...* vol. II, p. 140-145; cf. a apresentação desta mesma obra por Henri de Ternay na *Perspectiva Teológica* (17), 1985, pp. 233-244. (4) Cf. JÜNGEL, E. *Gott als Geheimnis der Welt*, Tübingen, 1977, especialmente pp. 409-430. (5) Cf. METZ, J. B. "Futuro que brota da recordação do sofrimento", in: *Concilium* (6), 1972, p. 722; cf. tb. "Pequena apologia da narração", in: *Concilium* (5), 1973, pp.

580-592. (6) METZ, J. B. *Idem*, p. 588. (7) Jüngel e Metz foram bastante influenciados pela teologia da esperança de Jürgen Moltmann. Cr. *Teologia da Esperança* — Estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã, São Paulo, 1971; cf. tb. *El Dios Crucificado* — La cruz de Cristo como base e crítica de toda teologia cristã, Salamanca, 1975; cf. tb. TABORDA, F. "Métodos teológicos na A.L.", in: *Perspectiva Teológica* (19), 1987, pp. 305-306. (8) Cf. CONE, J. H. "The Story context of Black Theology", in: *Theology Today* (32), 1975, pp. 144-150; *Id. A Black Theology of Liberation* Philadelphia/New York, 1970; *Id. O Deus dos oprimidos*, São Paulo, 1985; cf. tb. TABORDA, F. "Métodos teológicos na A.L.", in: *Perspectiva Teológica* (19), 1987, p. 306. (9) Cf. TABORDA, F. *Id.* p. 306; veja também nota 29 do mesmo artigo. (10) Cf. Christus, México (51), 1985-1986, n.ºs 591-592-593. (11) Cf. GARIBAY, J. "Narrar una manera de hacer teología", in: Christus (51), 1985-1986, n.ºs 591-592, pp. 84-88. (12) Cf. TABORDA, F. *op. cit.*, p. 307. (13) Cf. *Id. ibid.*, pp. 306-307. (14) Cf. *Id. ibid.*, p. 308. (15) Cf. *Id. ibid.*, p. 309. (16) Cf. *Estudios Bíblicos* (16), sobre o tema: "A memória popular do Êxodo". (16a) Cf. CHIRIGNO, G. C. *The Narrative Structure of Exod 19-24*,

in *Biblica*, vol. 68, 1987, pp. 457-479. (17) Cf. *Estudos Bíblicos* (8), sobre o tema: "Leitura da Páscoa como memória da Libertação". (18) Cf. SCHWANTES, M. **História de Israel**. São Leopoldo, 1984, p. 4s. (19) RAD, G. V. *Teologia do AT*, 1973, vol. 1, p. 129. (20) Cf. TERNAY — WEILER, "Um Instrumental para uma leitura de conjunto da Bíblia, na perspectiva da Libertação", in: *REB* 46/184, Dez. 1986, pp. 760-783. (21) Cf. Documento de Puebla, nº 247. (22) Cf. MARIN, L. **Sémiotique de la Passion**. Coll. BSR, Paris, 1971; cf. tb. "Narrativité et Théologie dans les Récits de la Passion" in: *Recherches de Science Religieuse*, Janvier-Mars, 1985. (23) Cf. MESTERS, C. **A missão do povo que sofre**, Petrópolis, 1981, especialmente p. 131ss.; cf. tb. BEAUCHAMP, P. "Jesus n'est pas seul" — *L'accomplissement des Ecritures dans la Croix*. in: **Le Récit, la lettre et le Corps** — *Essais bibliques*, Paris, 1982, pp. 73-108. (24) Cf. BOFF, L. **Como pregar a cruz hoje numa sociedade de crucificados?** Petrópolis, 1984, especialmente p. 15; cf. tb. do mesmo autor: **Paixão de Cristo — Paixão do mundo**, Petrópolis, 1978. (25) Cf. WEILER, L. **O mandamento do amor em São João** — *Dissertação de Mestrado apresentada na PUC/RJ em 6 de julho de 1987*. (26) Cf. ROSENZWEIG, F. **Der Stern der Erlösung**, tradução por Alexandre Derczanski e Jean-Louis Schlegel, Paris, 1982. (27) Lembramos aqui as duas correntes exegeticas que situam o teologúmeno "aliança" em dois momentos distintos da história do povo de Israel. A primeira cujo representante é MENDENHALL, sustenta que o mesmo surgiu no Sinai, ligado ao modelo dos pactos hititas. A

segunda, representada por KUTSCH, defende a teoria que o mesmo surgiu em época bem posterior, por volta do exílio. De fato a teoria de KUTSCH é mais provável. (28) Cf. BEAUCHAMP, P. "Le récit et la transformation de peuple de l'Alliance". in: **Dieu, Eglise, Société**, Paris, 1985, pp. 191-230. A hipótese do autor é a seguinte: "Se os relatos são essenciais à sociedade bíblica, são também a chave de sua transformação. O relato da aliança é também relato que transforma a aliança", p. 195. (29) Cf. MESTERS, C. **Seis dias nos porões da humanidade**, especialmente p. 111s. (29 bis) Conferir Rubem Alves, **O enigma da religião**, Campinas, 1984. (29 ter) E. Kant, *Oeuvres philosophiques*, **Critique de la faculté de juger**, edição da Pléiade, Paris, 1985, vol. II, p. 1.266. (30) Cf. TAMEZ, E. "A mulher que complicou a história da salvação", in: *Estudos Bíblicos* (7), Petrópolis, 1985, pp. 56-72. (31) Cf. JÜNGEL, E. **Dieu mystère du monde**, Tome 1, Préface p. XVIII; cf. tb. METZ, J. B. **A fé em história e sociedade** — estudos para uma teologia fundamental prática, São Paulo, 1981. (32) BOFF, Cl. e L. **Como fazer Teologia da Libertação**. Petrópolis, 1986, p. 15. (33) Id. *ibid.*, p. 19s. (34) Cf. DUSSEL, E., "O paradigma do Êxodo na TdL", in: *Concilium* 209 (1), 1987, p. 91s. (34a) Cf. LIBANIO, J. B. **Teologia da Libertação**, Roteiro Didático para um estudo, São Paulo, 1987. (35) Cf. BOFF, Cl. e L., *op. cit.*, p. 51. (36) Cf. Id. *ibid.*, pp. 60-62. (37) Cf. GALEA, J. **Uma Igreja no povo e pelo povo** — reflexão teológica sobre a atual ação pastoral da Igreja no Brasil. Petrópolis, 1963, p. 68. (38) Cf. Id. *ibid.* (39) Cf. MESTERS, C. **Flor sem defesa**. Petrópolis, 1983, pp. 191-193. □

### Perde-Ganha Definitivo

Bíblia — "Se alguém quiser me seguir, renuncie a si mesmo", Mc 8, 34.

Leitor — Condição, por demais, exigente. Quem terá coragem tamanha para perder, voluntariamente, a própria vida? Aqui, quem perde ganha e leva em definitivo. Crer e, intensamente, viver, também aqui, esta certeza: com Deus o impossível acontece (*Pe. Marcos de Lima; SDB*)

# A NOVA EVANGELIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA E O CAMINHO DA RECONCILIAÇÃO

*“O povo dos pobres chegou à América Latina  
sem projeto de evangelização.  
Evangelizaram vivendo. Por que não seria assim  
também no futuro? Não deveríamos contar  
muito mais com a ação autônoma dos Leigos?”*

**Pe. José Comblin**

“Nova” refere-se a “velha”. Qual é a velha evangelização na América Latina, e qual é a nova? A nova não pode romper com a velha. Somente pode renovar a velha. Em que será nova? Não pelo conteúdo, não pelo evangelho. Ela será nova pela fase histórica nova em que se desempenha.

O tema da reconciliação é parte do evangelho, sobretudo do evangelho paulino. Em todo caso é vizinho do tema da paz que está no centro da Bíblia. Deus anuncia a paz e realiza a paz. No entanto, a palavra paz é ambígua, e também a palavra reconciliação. Paz e reconciliação podem dar cobertura ao contrário do evangelho. Paz e reconciliação sempre formaram parte da ideologia da conquista e da dominação: não estamos diante de uma ação. Cuidado com a palavra reconciliação?

## **A. A “velha evangelização”**

Na América Latina houve até aqui três grandes projetos de evangelização. Ou, melhor dito, houve dois projetos formulados desde o início da conquista, e houve a partir do século XIX um projeto de nova evangelização. Estamos agora diante da perspectiva de uma segunda nova evangelização, o que parece insinuar que a primeira está esgotada. Além disso a história e a experiência do presente mostram que a evangelização não foi feita a partir dos projetos. Os projetos foram feitos pelo clero. Mas a evangelização não foi feita principalmente pelo clero. A evangelização que foi eficaz e ainda permanece, foi feita sem projeto pelos leigos, pelos pobres anônimos que povoaram estas terras e aí plantaram a Igreja. Depois que a Igreja estava

plantada, chegaram os padres para estruturar o que tinha sido feito. Encerraram-no no direito canônico — para bem ou para mal. Mas é preciso conservar bem claramente na mente que a evangelização não é feita pelos que concebem planos de evangelização. Tudo indica que amanhã será nisto semelhante a ontem. Nós podemos falar sobre evangelização. Mas quem vai evangelizar mesmo serão outros, serão os pobres do povo cristão, os que nem sequer sabem o que é plano pastoral.

### 1. O projeto de cristandade índia

Este projeto foi concebido primeiro pelo franciscano Francisco de los Angeles. Este não pôde realizar o seu sonho porque foi eleito ministro geral da Ordem no momento em que ia preparar-se para embarcar para o México. Quem foi no lugar dele foi o frei Martín de Valencia, acompanhado por outros onze franciscanos quase todos da província de São Gabriel de Estramadura na Espanha. Glória à província de São Gabriel! Dela saiu o sonho mais glorioso das missões na época moderna. O projeto era: ir na frente dos conquistadores, evangelizar os habitantes da América antes da chegada dos conquistadores, e estabelecer reinos cristãos novos e autônomos, dependentes apenas do rei e do Papa, mas não dos conquistadores. Cortés conquistou o México central em 1521. Já em 1524 desembarcaram os Doze primeiros apóstolos. Não somente evangelizaram os reinos conquistados, mas foram ao encontro dos reinos indígenas ainda não conquistados. Foram chamados pelos Tarascos de Michoacán e pro-

curaram encarnar o seu sonho. Não puderam realizar tudo. Mas batizaram 4 milhões de indígenas em menos de 20 anos antes que se consolidasse o novo regime colonial. Criaram uma Igreja espiritual, animada apenas por religiosos. O sonho não durou, mas pôs os alicerces da cristandade mais forte de todas as Américas.

Os franciscanos viram que era preciso permanecer independentes da conquista, da sua política e da sua economia. O sinal principal seria a adoção da língua nahuatl como língua da Igreja. A rejeição do espanhol era fundamental. Desse modo deram a palavra aos indígenas e permitiram a formação de algo novo e específico. Formaram uma entidade indígena unida, consolidada, capaz de defender os seus direitos e a sua identidade. O ideal era uma Igreja indígena distinta da Igreja fundada pelos conquistadores e que falava espanhol.

Mais tarde os jesuítas entenderam que não havia outro caminho evangélico. Tinham chegado com outras idéias, mas entenderam que os franciscanos de São Gabriel tinham achado a única fórmula capaz de salvar a honra de Deus na América, capaz de salvar a Deus dos compromissos com o genocídio. A honra de Deus exigia que se mantivessem separados da falsa Igreja estabelecida nas cidades pelos reis de Espanha e de Portugal, pelos seus administradores e pelos conquistadores da Terra, senhores de escravos. Os jesuítas criaram a língua guarani para fazer dela o cimento de um povo novo, o povo dos indígenas. Com

eles lutaram durante 200 anos, e finalmente sucumbiram diante do poder superior dos colonizadores.

A epopéia desses franciscanos e desses jesuítas foi heróica, santa, gigantesca apesar das suas limitações históricas. Historicamente ela estava condenada. Politicamente os conquistadores eram mais fortes e conseguiram até a expulsão dos jesuítas e a supressão da companhia pelo próprio Papa. A epopéia evangelizadora dos religiosos terminou num fracasso. Pouca coisa sobreviveu. O Paraguay de hoje não é mais nem a sombra daquilo que foram as reduções. São os restos de um povo glorioso, humilhado no século XVIII pela conquista das reduções, e uma segunda vez na guerra do Paraguay que foi um genocídio praticado pelas nações de latifundiários do Brasil, da Argentina e do Uruguay, sob a orientação da potência colonial, Inglaterra. Hoje em dia subsistem alguns restos gloriosos entre os cristãos do Paraguay, ou dos estados mexicanos de Michoacán e de Jalisco. No entanto a evangelização dos religiosos acabou num desastre histórico.

## 2. O projeto colonial

Os reis, os governadores, os administradores, os conquistadores e de modo geral os grandes proprietários que formaram a classe dirigente da sociedade colonial tinham um projeto de evangelização: pois a evangelização era o título que legitimava a conquista e a posse da terra. Esta evangelização era para eles a transposição nas terras novas das instituições eclesiásticas da me-

trópole: bispados, paróquias, conventos, sacramentos, catequese, organizações religiosas. Estas instituições supostamente funcionavam por si mesmas. Bastava designar os ocupantes e estes produziram evangelização espontaneamente. Inclusive a Inquisição foi instalada como garantia da seriedade da evangelização.

Tais instituições foram implantadas essencialmente nas cidades ou nas grandes propriedades rurais. Não integraram a população dispersa no campo e atingiu bem pouco os indígenas ou os escravos negros. Para o clero, o ministério na América era apenas uma etapa em vista de uma ascensão na metrópole. Em certos casos o envio para a colônia era um castigo para os sacerdotes que tinham tido problemas no país de origem. Quando cheguei ao Brasil, vários sacerdotes perguntaram-me o que eu tinha feito no meu país para que me enviassem ao Brasil: só pode vir para o Brasil um pecador que mereceu um castigo.

As instituições eclesiásticas supunham a fé, não a comunicavam. Não eram evangelizadoras. Não evangelizaram nem os indígenas, nem os escravos negros, nem sequer os brancos. Administraram a fé que recolheram. Mas a fé veio de outras fontes.

Esta Igreja estabelecida legitimou o sistema colonial, a invasão das terras dos indígenas, a sua escravidão, o comércio dos escravos negros e a economia baseada no trabalho escravo. Justificou tudo. Era parte do sistema colonial. A religião

que ensinava, era uma religião selecionada, purificada de todo fermento de protesto social ou político. Os sacerdotes ou os religiosos que não concordavam, eram mandados embora imediatamente e tinham que voltar para a metrópole, não poucas vezes para as cadeias na metrópole,

### 3. O projeto da nova evangelização no século XIX

Este projeto foi enunciado explicitamente e com muitos pormenores no Concílio Plenário de 1899, que aplicou para América Latina os decretos e o espírito de Vaticano I e de todo o pontificado de Pio IX seguido pelo de Leão XIII. Houve na Europa, depois da Revolução francesa, um projeto de recristianização que começou logo já no tempo da Revolução e foi assumido pela Santa Sé, que lhe deu mais rigor e uma explicitação de doutrina a partir de Gregório XVI e sobretudo de Pio IX. O programa consistia na restauração da disciplina tridentina numa Igreja isolada do mundo moderno. O princípio da restauração foi a rejeição total de tudo o que era moderno. A Igreja restaurada construiu um mundo quase completo, separado do mundo moderno das novas nações. Implantou-se na classe rural e nos restos da antiga aristocracia, permanecendo alheia à classe burguesa, à classe operária e à classe intelectual. A Igreja construiu ao redor das paróquias uma rede de instituições sociais que lhe permitiu preservar o seu mundo de todo contato com o meio ambiente: escolas, hospitais, obras sociais, imprensa, sindicatos, partidos políti-

cos próprios. Além disso as paróquias incentivaram a prática dos fiéis mediante devoções e associações. Basta lembrar a devoção ao Sagrado Coração, símbolo dessa época, junto com as devoções às Aparições de Nossa Senhora. A paróquia recuperou um novo vigor graças à catequese intensiva, à prática freqüente dos sacramentos e às associações de piedade. O movimento atingiu o seu auge no pontificado de Pio XII.

Mas então ele entrou numa decadência rápida. A causa mais evidente da decadência foi o desaparecimento da classe camponesa, o crescimento da classe operária e o triunfo da cultura burguesa, sobretudo com a grande expansão do capitalismo nas 30 gloriosas (1945-1975).

A restauração católica do século XIX, prolongada no século XX na sua primeira parte, foi sempre fraca na sua atuação pública. Era uma cristandade sobretudo de mulheres e de crianças, da vida privada, da interioridade, e muito menos uma cristandade da vida pública como na idade média e ainda na idade barroca.

O programa do Concílio Plenário de 1899 ainda foi retomado em 1955 na reunião que fundou o CELAM no Rio de Janeiro, por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional. Nessa época, o modelo de restauração européia já estava em decadência, mas o pontificado de Pio XII impedia que essa decadência se tornasse consciente aos católicos. O modelo foi reafirmado na reunião da fundação do CELAM, no mo-

mento em que já estava condenado pela história.

A nova evangelização proposta em Roma em 1899, e no Rio de Janeiro ainda em 1955, respondia aos desafios da situação latino-americana, tais como os chefes da Igreja os enxergavam. Eram os seguintes os desafios 1.º) ignorância religiosa do povo; 2.º) relaxamento da disciplina eclesiástica; 3.º) falta de vocações; 4.º) ameaça das seitas e do comunismo. O programa consistia em implantar na América Latina o modelo já decadente na Europa: expansão da paróquia por uma rede extensa de instituições, catequese, sacramentos, disciplina mais estrita, campanha vocacional, resistência ativa à entrada das seitas e do comunismo.

O diagnóstico feito tanto em 1899 como em 1955 mostra sobretudo que o clero era ignorante da verdadeira situação. Não tinha contacto com a massa dos católicos. Se havia ignorância, era da parte do clero e não da parte do povo. O povo tinha o seu catolicismo que não comunicava com o catolicismo dos padres, mas não lhe era certamente inferior ainda que usasse formas diferentes. A falta de vocação se devia a um desajuste histórico: nunca os indígenas e os negros tinham sido aceitos, muito menos solicitados, e o modelo sacerdotal estava longe do alcance das massas populares, como ainda está. O relaxamento da disciplina era o relaxamento de uma certa disciplina inadequada: por exemplo a disciplina do matrimônio era inaplicável nas massas que viviam longe de qualquer contacto como os sacerdotes.

Em todo caso, a partir do final do século passado, a partir sobretudo da chamada "questão religiosa", a partir da República mais ainda, e sobretudo a partir do início do século XX, o modelo da nova evangelização foi implantado. A famosa carta pastoral de dom Leme, então bispo de Olinda, em 1916, é um dos primeiros testemunhos evidentes dessa nova evangelização. Aliás o próprio Leme foi um dos seus autores mais ativos. O modelo foi crescendo até o Vaticano II, ainda que nunca tenha atingido a perfeição que atingiu nos países centrais da cristandade europeia.

Na América Latina também, causas sociais tornaram o modelo obsoleto: no último quarto de século produziu-se uma fantástica migração do campo para a cidade, criando nas cidades periferias imensas totalmente fora do alcance da Igreja, que oferecem um campo aberto para todos os tipos de religião. Desapareceu a antiga aristocracia católica: as grandes famílias foram aspiradas pela mentalidade da burguesia ocidental e os seus filhos afastaram-se totalmente da religião. As novas turbulências sociais tornaram as mensagens religiosas tradicionais inadequadas. A primeira nova evangelização por meio das instituições eclesiásticas tridentinas reforçadas pelas do século XIX enfraqueceu. O modelo das três brancuras enfraqueceu e em muitas regiões nem sequer chegou a ser implantado. As três brancuras são o Papa (culto ao Papa desde Pio IX), Nossa Senhora (as aparições), e a eucaristia (congressos eucarísticos). E a própria cristologia mudou: o Sagrado Coração

deixou de ser uma figura que une os cristãos. Jesus já não aparece mais sob essa forma.

Essas foram as formas da "velha" evangelização, ainda que essas velhas tenham sido novas no seu tempo.

#### 4. A realidade histórica da evangelização

No entanto o povo latino-americano é cristão. Por conseguinte, ele foi evangelizado. Quem foi que o evangelizou? Quem criou a fé e a vivência cristã desse povo?

A resposta não pode ser mais clara: a evangelização foi feita pelos pobres espanhóis e portugueses que os conquistadores trouxeram para as suas colônias: artesãos, operários, empregados, lavradores, muitas vezes prisioneiros das prisões de Espanha ou de Portugal, ou prostitutas. Depois deles vieram os numerosos imigrantes pobres procedentes das regiões mais pobres da Europa que ficam longe da miséria, do desemprego, da fome. Durante o século XIX, e ainda no início do século XX, milhões de imigrantes pobres vieram aumentar a população das nações latino-americanas, trazendo o seu catolicismo popular tradicional. Geralmente vieram sem sacerdotes e fundaram cristandades quase sem sacerdotes.

Os brancos pobres foram abrindo caminhos no interior do continente. Foram desmatar e preparar a terra para os cultivos. Foram avançando pouco a pouco: a conquista da América ainda não acabou, ainda que esteja a ponto de acabar. Esses bran-

cos pobres se misturaram com os negros e com os índios, comunicaram-lhes a sua religião, permitindo-lhes uma assimilação adaptada à condição e ao patrimônio cultural de cada um: o que os padres denunciavam e condenavam sob a palavra de sincretismo, ou de superstição.

Esses pobres fundaram a Igreja no interior do continente. Fundaram-na muitos anos antes da chegada dos sacerdotes. Pois as paróquias somente foram fundadas quando as primeiras povoações se transformaram em vilas e cidades. Nesse momento a evangelização estava terminada. As instituições clericais vieram depois do trabalho dos leigos. Vieram dar-lhe um quadro canônico. Não lhe deram necessariamente mais conteúdo de evangelho ou de fé. A Igreja viveu sem padres ou quase sem padres, com o batismo mas quase sem os outros sacramentos. Foi sustentada por ministros leigos: conselheiros, beatos e beatas, eremitas, curandeiros e curadeiras. Foi transmitida nas famílias e na vizinhança, sobretudo pelas mulheres.

Basta lembrar a história do mundo rural onde viviam 80% da população latino-americana pelo menos, e em muitas regiões até 90% para ver que no campo o povo recebeu bem pouca coisa dos sacerdotes. Toda a religião foi uma religião de leigos. No entanto o povo recebeu uma fé profunda.

Na América Latina a evangelização foi feita pelos leigos. O clero acrescentou uma superestrutura canônica e essencialmente urbana. Era sobretudo uma superestrutura so-

cial, cultural e política: a ideologia da sociedade colonial e dos seus prolongamentos.

O povo dos pobres chegou a América Latina sem projeto de evangelização. Evangelizaram vivendo. Na vida comunicaram a sua fé e a sua vivência cristã. Se assim foi no passado, por que não seria assim também no futuro? Não deveríamos contar muito mais com a ação autônoma dos leigos?

## **B. A "nova" evangelização**

Na América Latina uma nova evangelização começou logo depois de Vaticano II. O seu símbolo é o documento de Medellín que foi ratificado, ampliado e aprofundado em Puebla. Foi nova numericamente no sentido de que começou uma caminhada nova. Foi nova qualitativamente porque partiu de uma percepção nova de uma realidade também parcialmente nova, ainda que em grande parte antiga. Foi nova qualitativamente também porque partiu de opções novas.

É preciso insistir. A nova evangelização começou em Medellín. Ela não precisa ser mais inventada ou fundada ou criada. Ela existe e já tem uma caminhada de 25 anos. Alguns movimentos falam como se a nova evangelização não existisse, como se ela tivesse que ser lançada agora. Tal linguajar esconde um desígnio compreensível, mas inaceitável. Na América Latina as burguesias nunca aceitaram Medellín e lutam contra Medellín desde antes da Conferência. Já antes da Conferência houve campanhas tremendas em toda a América Latina para intimi-

dar os bispos, porque as burguesias sabiam o que se preparava. Assim que saiu o documento de Medellín o combate recomeçou. As burguesias lutam em todas as frentes. Denunciam Medellín sem cessar em Roma e nas Nunciaturas. Intimidam as Conferências Episcopais e os bispos. Intimidam os católicos. Fazem campanhas na rua, nas praças públicas, nos meios de comunicação de massa, nas assembleias legislativas e nos governos, e assim por diante.

Certos movimentos católicos que recrutam na burguesia, já cederam à chantagem dos dominadores. Procuram anular Medellín ou pelo menos fazer com que Medellín seja esquecido. Houve uma campanha bem montada na véspera de Puebla, campanha que foi sustentada pelo próprio CELAM.

Uma maneira de promover o esquecimento de Medellín é lançar uma suposta "nova evangelização". Se começa agora uma nova evangelização, Medellín desaparece, nunca existiu. Não houve uma nova evangelização, não está caminhando a nova evangelização. Tal é o perigo do tema da nova evangelização.

Na América Latina uma nova evangelização está caminhando desde Medellín e desde os movimentos que prepararam Medellín. Não precisamos criar outro Medellín. O Medellín de 1968 fornece as orientações suficientes que Puebla confirmou e iluminou. Falar da nova evangelização não é falar de um processo que está caminhando, ainda que não seja assumido pela totalidade das igrejas latino-americanas.

Pode ser que os novos movimentos internacionais estejam iniciando um novo processo de evangelização na Europa ou nos Estados Unidos. Como sempre, os novos movimentos que chegam à América Latina, acham que a evangelização começa no dia da sua chegada: fazem tábula rasa de tudo, como os colonizadores numa colônia. A nova evangelização é facilmente a palavra de ordem de um invasor e colonizador. Ele acha que no país em que desembarca não há nada, e tudo está à espera da intervenção dele.

Na realidade, os movimentos que desembarcam na América Latina devem integrar-se na evangelização que existe. Devem reconhecer que a evangelização começou sem eles antes deles: aqui agora ela começou em Medellín. Se eles não estavam em Medellín, é uma lástima, mas é um fato que não se pode anular.

A nova evangelização partiu de uma opção pelos pobres. A Igreja percebeu que, como organização social e como parte da herança da colônia, ela estava longe dos pobres. No entanto os pobres são cristãos e evangelizados. A Igreja como clero e como organização não deve inventar a evangelização. Ela deve ir ao encontro da evangelização que os pobres praticam desde sempre.

A Igreja foi ao encontro dos pobres, iniciando um processo de conversão: bispos, sacerdotes, religiosos, instituições, organizações foram ao encontro das massas pobres e da sua condição de pobres. Descobriram-nos na sua realidade: de pobres oprimidos, vítimas de cinco séculos

de exploração, cinco séculos em que pelo seu trabalho construíram a civilização ocidental nas suas metrópoles e nas suas colônias. Descobriram os pobres não para prestar-lhes uma assistência momentânea, não somente para prometer-lhes o céu como preço de tudo o que lhes tiraram na Terra. Foram ao encontro dos pobres para participar dos seus movimentos de libertação. Para participar daquilo que há de mais profundo nos oprimidos: o seu desejo de ser criaturas humanas, dignas, a sua vontade de viver, de construir uma sociedade nova. Foram ao encontro dos pobres para participar da sua esperança.

A evangelização é feita pelo povo de Deus como sempre, pelo povo dos leigos. Ela acompanha a vida e exprime a vida. Ela é a vida do povo em movimento porque esse povo é cristão e evangélico, mais radicalmente do que o clero ou os religiosos que sempre estão em perigo de covardia na hora do perigo ou na hora da privação. O clero não deve evangelizar o povo que é cristão, mas evangelizar com o povo.

Já não é tempo dos movimentos de evangelização lançados por um grupo de elite, pelo clero, por uma congregação religiosa. Devemos aceitar a lição da história: a evangelização sempre foi feita pelos leigos nesta América Latina. Evangelizar supõe entrar na dinâmica do povo cristão.

Cada época vive o evangelho de modo específico. Na América Latina a nova evangelização de Medellín começou com um período

terrível de 20 anos de perseguição. Ela começou com uma idade de mártires. Foram milhares os que morreram nessa perseguição, e milhões os que sofreram pela evangelização.

Hoje em dia a perseguição não acabou. No Brasil, no campo, ela é mais forte do que no tempo dos militares. Em geral ela se escondeu mais. Mas à perseguição foi acrescentado o fundo da miséria econômica. Nunca as massas foram mergulhadas numa miséria material mais profunda, e nunca estiveram mais desesperadas de todas as soluções oferecidas pelos seus governantes. Nunca os governantes foram tão cínicos. Do fundo da miséria surge o clamor dos oprimidos. Esse clamor dos oprimidos contém a palavra do evangelho.

Pois evangelização diz evangelho. Qual é o evangelho? Onde é que se profere o evangelho? O evangelho é o grito de fé e de esperança que se expressa no clamor dos oprimidos, é o grito dos crucificados, o grito dos torturados. Esse é o evangelho que evangeliza desde sempre.

O povo latino-americano vive o evangelho, ainda que os padres não o saibam. Ele precisa evangelizar a Igreja. Se esta se acha proprietária do evangelho, ela está profundamente enganada. A Igreja somente tem o direito de usar as palavras do evangelho se ela se deixa primeiro evangelizar por esse povo cristão crucificado.

Por isso Medellín soube e afirmou que em primeiro lugar a Igreja precisava ser evangelizada. Não

poderia evangelizar se ela não se convertesse primeiro ao evangelho escutando o que os pobres lhe diziam.

Os católicos já não estão sós para evangelizar. Hoje em dia as Igrejas pentecostais adquiriram um amplo espaço no cristianismo latino-americano e sobretudo no Brasil. O número de protestantes que freqüentam um culto no domingo deve ser igual ao número de católicos. Por cada comunidade católica há dez, vinte, trinta comunidades de crentes. Estas são menos numerosas, mas mais entusiasmadas e elas se multiplicam num ritmo jamais visto na história das religiões. As Igrejas pentecostais são um fato irreversível. Os pentecostais nunca mais voltarão para a Igreja católica. São cristãos que caminham à distância dos católicos.

Com eles a única pastoral possível é de ecumenismo. A evangelização não consiste em procurar combater. Por sinal tal combate seria totalmente supérfluo e condenado ao fracasso. Precisamos buscar um diálogo para caminharmos juntos numa só evangelização do futuro.

Existem muitos preconceitos contra os pentecostais: dizem que são alienados, conservadores, fundamentalistas, autoritários, etc., etc. Porém, eles existem, estão aí. Milhões de brasileiros tornaram-se crentes porque encontraram aí mais vida, mais fé, mais esperança, mais ajuda. Ninguém foi lá porque queria pecar ou porque queria agir mal, porque queria o erro ou a heresia. Buscavam o evangelho e encontraram-no aí. São irmãos, e nunca to-

talmente separados, parcialmente separados. Cabe a nós a tarefa de diminuir a separação. Mas não se pode pensar em evangelização na América Latina prescindindo dos protestantes.

Também existem os terreiros, o candomblé, o xangô, a macumba, a umbanda, os pais de santo, as mães de santos, os cultos africanos aqui recriados. Tudo isso é cristão. Os xangozeiros são quase todos cristãos e católicos e querem ser cristãos fiéis. Os padres não gostam ou até condenam. Querem separar. Querem que os xangozeiros escolham. Acham que não se pode ser cristão e xangozeiro ao mesmo tempo. Mas o que é que os padres sabem? O que é que sabem do xangô? O que é que sabem da vida? O que é que sabem da vida dos negros no Brasil, da sua cultura, da sua fé? Como sabem o que é possível e o que não é possível?

Em todo caso, o fato existe. Os negros têm uma maneira específica de ser cristãos. Somente eles podem discernir. A hierarquia precisa conhecer primeiro antes de julgar. Ora, até agora ela ignora tudo do mundo religioso africano. Não pode condenar sem conhecer. O clero ignora tudo. Não pode condenar sem conhecer. Não conhecer pelos livros, mas pela participação e pela simpatia, entrando nesse mundo para senti-lo de dentro.

Na América Latina é impossível pensar em evangelização sem referência às religiões africanas que fazem viver os negros. Em 1988 a CNBB finalmente decidiu abrir-se à existência dos negros no Brasil. A

maioria da população branca ainda não aceita o fato e boicotou a campanha da fraternidade. Várias dioceses reagiram friamente, porque o negro não é reconhecido como tal. Não se lhe reconhece o direito de ter uma identidade própria, uma cultura própria e uma religião própria.

Com o mundo religioso negro faz-se necessário também um diálogo. Não se trata de ecumenismo, porque os macumbeiros e xangozeiros são católicos e não se faz o ecumenismo entre católicos. Mas eles são católicos marginalizados e praticamente negados na sua identidade. Por isso, o diálogo é necessário para que tenham o direito de existir. Eles não vão desaparecer. Podemos fechar os olhos, mas estão aí e participam do povo de Deus, queiramos ou não.

### **C. A reconciliação**

O tema da reconciliação é central na Bíblia. Deus reconcilia-se com o seu povo: este é o evangelho. O evangelho é o anúncio desta reconciliação. No entanto há um problema. No vocabulário ordinário, a reconciliação usa-se em outros sentidos. Há muitos usos da palavra. O mais popular é naturalmente o que se refere às brigas entre famílias ou indivíduos. Nas santas missões, os missionários preconizam o dia da reconciliação. Nesse dia os inimigos de sempre fazem as pazes. Os que nunca conversavam, rompem as barreiras. As famílias esquecem os seus ressentimentos tradicionais. A reconciliação é um grande ato de conversão. Certamen-

te esta reconciliação entre indivíduos e famílias é uma das mediações pelas quais Deus se reconcilia com o seu povo.

A reconciliação, porém, pertence também ao linguajar da política. Ora, na política a palavra reconciliação está sempre ligada a um contexto específico. A reconciliação pertence ao mesmo discurso que a paz. A paz é uma das grandes metas da política. Todos querem a paz. Mas a paz como tema pertence sobretudo à ideologia da dominação e dos impérios. A "pax romana" foi um paradigma. Cada império, porém, defende a sua causa invocando a paz de uma ou outra maneira. A paz está ligada à "ordem", grande lema do império bizantino. Os impérios do presente não pregam menos a paz do que os anteriores.

Ora, a paz romana, como já dizia S. Agostinho, é apenas a máscara que esconde uma imensa operação de banditismo: uma cidade conquistadora explora e domina o mundo inteiro. Quem mais oprime, mais fala em paz e reconciliação.

Quando as classes dominantes de uma sociedade sentem que o seu poder é contestado, apelam para a paz e a reconciliação. Quanto mais opressores, mais entusiasmados pela paz e pela reconciliação. A paz e a reconciliação servem como legitimação da injustiça estrutural. Os dominadores praticam a chantagem da desordem. Pregam que se o seu domínio ficar abalado, haverá desordem, anarquia, confusão: se nos tiram os nossos privilégios, o país será ingovernável, como dizia um presidente.

Nessa reconciliação as vítimas têm que se resignar. A reconciliação consiste nisto, que os oprimidos deixam de exigir os seus direitos, que as vítimas deixam de se queixar. O preço da reconciliação é pago pelos fracos e pelos dominados.

O apelo à reconciliação vem sempre das burguesias e das aristocracias privilegiadas. Quando as Igrejas pregam a reconciliação, elas se tornam consciente ou inconscientemente porta-vozes das classes dominantes. Pois o tema da reconciliação é eminentemente ideológico. Pregam a reconciliação é tomar partido pela ideologia dos privilegiados que nada querem ceder dos seus privilégios.

Os dominadores apelam para a reconciliação também porque sabem que essa palavra tem profundas ressonâncias religiosas. Querem enganar os simples, como se a resignação dos dominados fosse a condição de realização do plano de salvação de Deus. É um caso típico de utilização ideológica do cristianismo.

A reconciliação bíblica é uma realidade escatológica: trata-se de um processo que somente será consumado no outro mundo, na nova Jerusalém. Trata-se de uma longa caminhada. Nesta terra nunca haverá reconciliação total, nunca serão superados os conflitos. Viveremos sempre no meio de conflitos. Queremos suprimir os conflitos, é praticar uma ideologia. Sempre é algo suspeito de ideologia. Quem quer suprimir os conflitos são os privilegiados, os dominadores, os que ex-

ploram e querem abafar a voz dos explorados.

A reconciliação bíblica entra na história humana mediante mediações que precisam ser levadas em conta em toda a sua complexidade e de acordo com a marcha dos tempos, seguindo os sinais dos tempos.

Não se estabelece a reconciliação negando os conflitos, mas resolvendo-os. Ora, a superação dos conflitos é uma caminhada árdua e complexa que não depende apenas da boa vontade ou das intenções das pessoas situadas nos pólos opostos. O relacionamento entre os homens obedece a leis e forças, a dinâmismos e estruturas complexas que são próprios de cada tipo de conflito. A cada tipo de relacionamento convém uma metodologia diferente.

Há, por exemplo, o conflito entre sexos que constitui a matéria de observações, reflexões, interpretações infinitas. Trata-se de um conflito de sempre. Durante milênios o conflito ficou abafado porque as mulheres não tiveram nem a possibilidade de levantar a voz. Uma vez que se lhes permite falar, o conflito torna-se visível e consciente. Ora, o caminho para superar o conflito entre sexos é radicalmente diferente do caminho que leva a superar conflitos entre famílias, entre tribos, povos, nações, Estados ou impérios, ou então entre classes econômico-sociais. Não basta pedir a cada sexo boa vontade e compreensão. Não basta apelar para os bons sentimentos. O sexo tem as suas dinâmicas próprias que fazem com que as boas intenções possam ficar totalmente inoperantes, se não se conhe-

ce a dinâmica dos sexos, os mistérios do seu relacionamento. Muitas vezes tanto o homem como a mulher tem a razão, mas nenhum dos dois é capaz de entender o que está acontecendo. Há mediações que são específicas dos conflitos entre sexos.

Os métodos que servem para reconciliar os sexos não servem para reconciliar as raças humanas. Os antagonismos entre brancos e negros, entre brancos e amarelos, etc., como na América Latina os conflitos entre brancos e índios, obedecem a dinâmicas diferentes das dinâmicas sexuais. Não se resolve um problema de luta racial como se resolve um problema de luta social. Cada tipo de conflito tem a sua dinâmica e exige uma metodologia diferente baseada no conhecimento das leis científicas que regulam esse aspecto da realidade.

Os conflitos sociais foram amplamente observados, estudados, interpretados durante os últimos duzentos anos. Foram sobretudo os conflitos ligados à sociedade industrial com a sua clara divisão entre proletários e donos dos bens de produção. Os conflitos na sociedade rural são diferentes. Os conflitos na sociedade pós-industrial, em que o Estado desempenha um papel predominante, e as funções terciárias superam de longe as funções primárias ou secundárias, são também diferentes. Os métodos usados numa sociedade industrial clássica não se adaptam a uma sociedade pós-industrial. Nunca a boa vontade ou os bons sentimentos bastam. Geralmente não servem para nada ou quase nada. É necessário conhecer

bem os processos sociais, as técnicas que permitem agir sobre eles e ser capaz de manipular as forças sociais em jogo. Frequentemente os cristãos foram ineficazes no campo social porque entraram na área dos conflitos com total ignorância da realidade e perfeita inocência ou ingenuidade. Os sentimentos morais têm pouca influência nos conflitos humanos e podem provocar o resultado exatamente contrário ao que se desejava.

Na América Latina, se queremos contribuir para a superação dos conflitos e para uma reconciliação da sociedade, precisamos primeiro alcançar uma percepção exata dos conflitos que existem. Quais são as divisões existentes? Qual é a sua importância, a sua profundidade? Qual é o tipo de conflito que se apresenta? Quais são as analogias históricas que nos permitem compreender melhor os conflitos que estão presentes?

Em segundo lugar, precisaremos conhecer as metodologias, os processos adaptados a cada tipo de conflito. O sentimento moral ajuda pouco. É preciso saber usar as ciências políticas ou sociais, usar a experiência, levar em conta as limitações históricas. Em muitos casos os conflitos não são solúveis, mas é possível melhorar a condição de tal sorte que seja mais suportável.

Quais são os conflitos na América Latina? Medellín, Puebla, centenas de documentos eclesiais reconheceram o que também dizem centenas de estudos sociais: a situação inicial da América Latina ainda não

foi superada. América Latina ainda é um continente dividido entre conquistadores e conquistados. Uma pequena minoria dispõe de todo o excedente da produção, de todo o poder político, de todas as vantagens de uma cultura superior. Esta pequena minoria está associada ao capitalismo multinacional o que lhe garante segurança e privilégios. Este é o conflito fundamental. Até que essa divisão radical seja superada, até que sejam destruídos os privilégios da minoria dominante, pouca coisa poderá ser feita no sentido de uma reconciliação. A concentração da riqueza e do poder impede qualquer justiça social, e qualquer ascensão das massas.

Na atualidade, a minoria dominante sente os seus privilégios ameaçados e multiplica os apelos à paz e à reconciliação. Invoca uma ideologia de reconciliação para impedir uma conscientização das massas. Pede a ajuda da Igreja para persuadir as massas e conseguir que continuem tendo paciência como sempre. Promete resolver todos os problemas e afirma precisar apenas de um tempo breve para trazer as soluções.

Outras sociedades já conheceram situações análogas e conseguiram sair delas. Algumas fizeram-no por meio de revoluções violentas, outras por meios mais pacíficos. Poucas vezes os povos podem escolher e a história escolhe para eles. No entanto, alguma forma de interferência voluntária sempre é possível. Os dominadores são cegos e quase nunca agem em virtude de sábias previsões. Precipitam-se no cataclismo

com cegueira total. Os dominados podem ser mais ou menos sábios, mais ou menos voluntaristas, mais ou menos pacientes e perseverantes. Mas não se pode falar em reconciliação enquanto não se modifica o quadro geral em que se movem as nações latino-americanas e enquanto não se modifica o relacionamento entre essas nações e o centro dominante do capitalismo ocidental. A condição prévia de qualquer reconciliação é uma transformação radical da estrutura da sociedade. Nisto concordam plenamente *Populorum Progressio*, Medellín, Puebla, *Laborem exercens*, *Sollicitudo socialis*. Não há reconciliação sem inversão radical da estrutura implantada há 500 anos e sempre consolidada desde então.

Os planos de reconciliação propostos pelos governos procuram prescindir do conflito fundamental, fazendo de conta que somente existem conflitos menores, mais facilmente solúveis. A solução dos problemas menores não será possível sem a mutação global prévia a todas as mudanças menores.

Dentro da divisão fundamental, há também certas divisões específicas, que diversificam o panorama global, mas não lhe tiram a validade, pelo contrário, confirmam a validade do esquema global.

A questão negra é sistematicamente negada pelas elites. Para os brancos não existe a questão racial e não há racismo na América Latina. Essa negação permaneceu a regra no Brasil até a campanha da fraternidade de 1988. É bem sabido que a própria campanha da fraternidade

não foi bem acolhida em todas as regiões do Brasil. Em certos lugares a campanha foi marcada por expressões típicas de racismo que provocaram um protesto explícito de um arcebispo negro na assembléia de Itaipaci de 1988. Em nome da existência do problema racial, muitos brancos queriam impedir que os negros se expressassem. Não queriam que os negros se reunissem, afirmassem a sua identidade, a sua cultura, a sua religião. Os negros deveriam sempre apagar-se no anonimato de espectadores da sociedade branca.

No Brasil e na América Latina, a questão negra sofre uma repressão consciente e, mais ainda, inconsciente. O conflito é reprimido, mas permanece como uma exigência apesar da repressão. Não se chega à reconciliação racial negando o conflito. Neste caso particular, a primeira condição da reconciliação será permitir que o conflito se manifeste explícita e publicamente. A pura repressão nada resolve.

A questão indígena é tão grave como a questão negra. Os indígenas são também negados. Os latino-americanos acham-se todos descendentes dos índios. A indianidade teria sido absorvida totalmente numa população mestiça. Desse modo o índio teria desaparecido. Existiria apenas perdido no homem mestiço. A partir desse postulado os índios são negados nos seus direitos: não se lhes reconhece o direito à terra, à língua, à cultura, nem sequer o direito à sua religião, porque se supõe que todos são simplesmente católicos e devem contentar-se com aquilo que a Igreja Católica lhes oferece.

Não haverá reconciliação com o índio apenas na contemplação na natureza mestiça do latino-americano e na suposta cultura mestiça do latino-americano. A reconciliação supõe que os índios possam explicitar o conflito latente que os mantém numa situação de não-ser, de não-cidadãos.

Os maiores conflitos da América Latina ainda não foram explicitados. Ainda não se manifestaram. Os privilegiados, conquistadores e brancos, queriam abafar os conflitos antes que se manifestassem. Queriam falar em reconciliação antes que os oprimidos tivessem sequer a possibilidade de mostrar a sua existência. Queriam uma reconciliação fundada na negação dos problemas. Em tal situação, falar em reconciliação é pura armadilha. Antes que se possa falar em reconciliação é preciso que se manifestem as divisões que são tão profundas que ainda não chegaram ao nível da consciência.

Como falar em reconciliação entre brancos e negros se a maioria dos negros ainda não chegou à consciência da profunda rejeição de que são vítimas? Como falar em reconciliação quando a maioria dos camponeses e operários explorados ainda não chegaram à consciência do sistema que os explora? Como falar em reconciliação quando as imensas massas de desempregados, biscateiros, favelados ainda não sabem porque foram rejeitados fora da sociedade? Somente pode haver reconciliação na base do reconhecimento da verdade. A América Latina ainda deve passar por uma longa fase de conscientização antes que se possa

falar validamente de uma reconciliação a nível político e social.

A Igreja poderia antecipar alguns sinais de reconciliação. A Igreja não é capaz de substituir a história, ou de reconstruir outra história. Está subordinada aos tempos e aos momentos. Mas ela pode em si mesma anunciar a reconciliação futura dando alguns sinais.

Por exemplo, a Igreja poderia abrir-se para os pobres. Poderia começar a ser algo de Igreja dos pobres. Poderia abrir espaço para os pobres para que estes se sentissem mais à vontade no recinto eclesial. Isto acontece em algumas comunidades de base, raramente acontece nas paróquias, não acontece nos colégios e universidades católicas. Até agora o clero constitui uma classe privilegiada que não traz a marca dos pobres. Para poder presidir a eucaristia é preciso ter passado da classe dos pobres para uma classe privilegiada. Uma transformação social e econômica é a condição prévia para ser ordenado. Terá que ser sempre assim? Da mesma maneira as congregações religiosas têm um modo de ser e de viver que responde aos cânones da classe média, inclusive muitas vezes de uma classe média alta. Tem que ser assim necessariamente? Enquanto for assim faltarão os sinais de uma futura reconciliação.

A Igreja poderia dar o sinal de uma reconciliação entre brancos e negros. Poderia permitir que os negros tivessem as suas reuniões, as suas expressões culturais, a sua liturgia, a sua organização. Poderia então haver diálogo, intercâmbio,

troca. Não há diálogo quando o outro não pode expressar-se. A Igreja poderia abrir-se para a cultura negra. Poderia abrir espaço para as expressões religiosas do patrimônio negro. Poderia abrir-se para as riquezas das religiões afro-americanas. A Igreja poderia ter mais bispos negros, mais sacerdotes negros, mais religiosos e religiosas negros e negras. Poderia adaptar as condições de admissão à situação cultural dos negros em lugar de impor a todos um modelo branco. A Igreja poderia formar comunidades mistas em que negros e brancos compartilhassem sem que um tivesse que ceder sempre ante os valores do outro.

Na caminhada escatológica a Igreja está chamada não a seguir o ritmo da história, mas a mostrar o caminho. Durante a época colonial e ainda pós-colonial, a Igreja permaneceu prisioneira do mundo dos colonizadores. Permaneceu latina e não chegou a ser americana. Poderia ser menos latina e mais americana. Poderia reivindicar mais autonomia e mais especificidade no conjunto da Igreja universal. Em lugar de ser cópia fiel das igrejas européias, as igrejas americanas poderiam ser mais criativas e dar espaço aos índios e aos negros. Se não fizerem assim, em lugar de ser uma força de reconciliação, servirão para ocultar as divisões e servir à causa dos dominadores, como tantas vezes elas fizeram no passado. No passado a Igreja foi forçada pelos reis, pela força das potências colonizadoras. Dentro de uma América que procura a sua independência, ela poderia ter a audácia da liberdade e emancipar-se da dominação de uma cultura latina

que os dominadores lhe impõem para esconder o verdadeiro rosto do povo latino-americano, esse rosto que Puebla descobria num texto que ficou famoso.

A reconciliação é uma longa caminhada. Jesus diz que não veio trazer a paz, mas a espada. Ele não promete paz e tranquilidade. Haverá muitas lutas e muitas divisões não porque homens maldosos as estão criando artificialmente, mas porque estão inscritas no passado, são a herança do passado. Carregamos o peso do pecado e não adianta querer negar esse pecado. A reconciliação consiste em assumir as lutas necessárias em vista de uma humanidade que consiga superar e não escamotear os seus problemas.

Os povos latino-americanos sabem disto. A sua evangelização parte desse mundo e dessa história. Se o evangelho está no clamor dos oprimidos, ele se situa no coração das lutas e das divisões. Proclama a sua confiança numa reconciliação final, mas não tem ilusões quanto aos prazos. Os discursos apocalípticos de Jesus também não deixam ilusões. Haverá muitas guerras e muitas lutas. São os falsos profetas que dizem: "Paz! Paz! Paz!" Os verdadeiros sabem de que tecido é feita a história humana. Sabem os povos qual foi a vida que viveram os seus antepassados.

A Igreja, porém, é a luz que mantém a esperança no meio das trevas. Ele é a luz que mostra o caminho no meio da angústia da história. Ela traz os sinais que fortalecem os ânimos e alimentam a vida. O fu-

turo imediato de América Latina será como o seu presente: feito de sangue, de lágrimas, de fome, de choro, de clamor. "Bem-aventurados os que choram, porque hão de rir."

A reconciliação é a nossa tarefa: "Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher" (Gl 3,28). Aqui na América Latina: não há mais diferença entre dono da terra e bóia-fria, entre imobiliárias e favelados, entre branco e negro, entre branco e índio, entre civil e militar, entre patrão e empregado, entre homem e mulher. Não que as diferenças existentes sejam negadas ou esquecidas, mas o que vai acontecer é que elas vão desaparecer. Haverá transformações tais que tudo isso vai desaparecer. Bem sabemos que muitas lutas serão necessárias

antes de se chegar a isso. Porque os donos da terra não vão dar a terra sem lutas, porque os patrões não darão participação aos empregados sem lutas, porque os brancos não darão espaço aos negros sem lutas, porque as imobiliárias não darão terra aos favelados sem lutas, porque os civis não submeterão os militares sem lutas, porque os homens não reconhecerão a dignidade da mulher sem lutas. A Igreja dará sinais. Por causa dos sinais será acusada de incentivar as lutas em lugar de pregar a reconciliação: essa é a ideologia dos dominadores. Mas ela não se deixará intimidar. A lembrança dos mártires impedirá que se torne covarde diante dos poderosos. Saberá romper com os que querem ser os seus donos. Saberá libertar-se para poder trabalhar pela libertação de todos. □

---

### Duas perguntas

— *Para que serve a Teologia?*

Fundamentalmente: (1) Para teorizar e iluminar a prática da fé e seus múltiplos aspectos. (2) Para confrontar a vigência da fé com as fontes da Revelação. (3) Para justificar as muitas práticas novas.

— *E a Teologia da Vida Religiosa?*

Fundamentalmente, para responder a esta pergunta: Como ser Religioso(a), hoje, na América Latina, no Brasil? Ou, então: O que significa seguir Jesus e assumir a sua missão na realidade concreta da América Latina e do Brasil? A Teologia da Vida Religiosa, por um lado, elabora conceitos e fundamenta princípios que respondem às interrogações da inteligência e, por outro, serve concretamente à Vida Religiosa levando em conta seus problemas, suas urgências, seus desafios. Quer captar, compreender, julgar cada passo. Desvelar o novo e revelar sua articulação com o conjunto da fé (Pe. Marcos de Lima, SDB).

# VIDA RELIGIOSA, NOVA EVANGELIZAÇÃO E POVO NEGRO

*“Evangelizar é introduzir na história.  
A grande luta do povo negro através dos movimentos  
e grupos é construir uma nova história, lutando  
pelos seus direitos, seguindo  
a tradição de Zumbi, Anastácia e os antepassados”.*

**Pe. Antônio Aparecido da Silva, Orionita**  
São Paulo, SP

## Introdução

É sintomático constatar que após dois mil anos de cristianismo, um dos temas mais debatidos na Igreja Católica continua sendo a evangelização. Retomando só a memória mais recente, o Sínodo dos Bispos em 1974 foi sobre a “Evangelização do mundo contemporâneo” (1).

Há dez anos o episcopado latino-americano em Puebla debruçou-se também sobre este tema: “A evangelização no presente e no futuro da América Latina”.

Se, por um lado, parece estranha a insistência sobre um tema próprio do início do cristianismo ou característico da sua propagação no período da conquista do novo mundo, por outro lado, é perfeitamente compreensível visto que a evangelização

constitui não só um grande interesse, mas é sem dúvida, a missão principal da Igreja. A história da Igreja é, fundamentalmente, a história da evangelização.

Nos últimos tempos fala-se cada vez mais no tema da evangelização, precedido do adjetivo “nova”. Está sendo freqüente a temática da “nova evangelização”.

O que vem a ser “nova evangelização”? Qual é o seu sentido e significado?

É um conceito que vem se formando, e, portanto, ainda não de todo definido e apurado. Para alguns, a nova evangelização está referida à passagem do século, ao acontecimento ano 2000, aos 500 anos de evangelização da América Latina, ou aos dois milênios de cristianismo.

Trata-se de uma postura que evidencia uma preocupação de cunho mais comemorativo. Há setores da Igreja que já manifestam viva preocupação em comemorar os eventos mencionados. As comemorações sugeridas indicam um caráter cívico-litúrgico que promove não uma evangelização no seu conjunto e nas suas especificações, mas uma certa preocupação triunfalista da “antiga evangelização” realizada sob o signo da cruz.

Há uma segunda tendência, particularmente no magistério da Igreja, que entendem a “nova evangelização” como fruto de uma idéia luminosa, sem referi-la aos fatos eclesiais marcantes nestes últimos anos. Não fazem qualquer referência a Medellín ou a Puebla. A evocação da “nova evangelização” está mais em função de uma tendência restauradora, do que como mediação transformadora em vista da consecução do Reino de Deus. O sujeito da nova evangelização não são os pobres e as organizações de base emergentes; mas a eficácia da informática, dos meios de comunicação sofisticados (computadores e satélites).

Esta tendência tecnicista, ou por “evangelização eletrônica”, faz suscitar questões que com frequência não são respondidas nem pelos seus próprios adeptos.

Nova evangelização por quê? Para quê? A partir de onde? Feita por quem, e para quem?

Para a Igreja na América Latina e, em particular para a Vida Religiosa, a “nova evangelização” só

poderá ser entendida se referida à eclesiologia do Concílio Vaticano que apontou o “povo de Deus” como sujeito da evangelização. A afirmação do Concílio Vaticano II teve e continua tendo conseqüências práticas.

A consciência eclesial que emergiu de Medellín, e as opções concretas realizadas pela Igreja em Puebla, sem dúvida, indicam os rumos da “nova evangelização” que aí se iniciou.

O Episcopado Latino-americano, em Puebla, entende o novo momento da evangelização como um grande desafio.

“Há cinco séculos”, constataam os Bispos, “que estamos evangelizando a América Latina. Hoje vivemos um momento grande e difícil desta evangelização.

É verdade que a fé de nossos povos se exprime com evidência. No entanto constatamos que... a nossa evangelização está marcada por algumas preocupações particulares e por acentos mais fortes:

— a redenção integral das culturas, antigas e novas, do nosso Continente tendo em conta a religiosidade de nossos povos;

— a promoção da dignidade do homem e a libertação de todas as servidões e idolatrias;

— a necessidade de fazer com que a força do Evangelho penetre até ao centro da decisão, “as fontes inspiradoras e aos modelos de vida social e política” (EN 19)...

(2).

Vários artigos publicados recentemente têm chamado a atenção sobre os diversos aspectos e implicações da "nova evangelização".

Em *Convergência*, e em outras publicações da CRB o tema tem sido abordado, particularmente ligado à Vida Religiosa.

Um aspecto que pela sua significação histórica e oportunidade não poderia faltar, é a abordagem sobre a "Vida Religiosa, Nova Evangelização e Povo Negro".

## 1. O povo negro na recuperação da sua identidade

Embora o tema da presente reflexão seja "Vida Religiosa Nova Evangelização e Povo Negro", começaremos pelo final: o povo negro.

A Campanha da Fraternidade '88 (a fraternidade e o negro), as reflexões em torno do centenário da abolição legal da escravidão, as publicações, e sobretudo a militância dos grupos negros, lançaram luzes sobre a questão negra no Brasil.

Estes acontecimentos e iniciativas têm contribuído para desmascarar ideologias e procedimentos racistas enrustidos na sociedade brasileira.

Supomos que os leitores de *Convergência* tenham se beneficiado com a leitura de publicações recentes e acessíveis sobre a problemática que envolve o povo negro (3).

Quem é o povo negro? Parece supérfluo que num país onde a presença negra é visível a olho nu, haja necessidade de fazer tal pergunta. No entanto, é tamanho o procedimento racista declarado, e

muitas vezes camuflado, que a precisão da categoria "povo negro" faz-se necessária.

### 1.1. Como definir o Povo Negro?

Desde o final do século passado os órgãos oficiais de Governo têm procurado definir o povo negro a partir dos dados estatísticos.

Seria um instrumento adequado, pretensamente científico, se a realidade racial no Brasil não fosse tão complexa, e se, à tal complexidade não se juntassem interesses ideológicos.

Os dados estatísticos oficiais são de tal forma manipulados na sua computação que, em 1980, o censo divulgou uma cifra irrisória de 5,9% de pessoas negras no Brasil. Acredite quem quiser.

É possível que a verdade estatística seja mais coerente na medida em que se aproxima o número de "pretos" 5,9%, com os "pardos" 38,6%, totalizando 44,5% de negros na população brasileira (4). Mesmo assim, se consideradas as raízes hereditárias, este percentual de negros será sem dúvida maior.

De qualquer maneira, buscar a definição de "povo negro" utilizando só os dados estatísticos, não nos parece uma leitura totalizante e correta da questão.

"Não se pode esquecer que os próprios dados estatísticos, sobretudo numa questão tão nevrálgica como é a questão da "cor" negra, não são tão objetivos no sentido de retratar uma "realidade", mas refletem a ideologia reinante no Brasil em torno da realidade do povo

em geral e do povo negro em particular" (5).

Em busca de uma reflexão mais consentânea de povo negro, há quem procura continuar insistindo no velho e já sobejamente denunciado como preconceituoso conceito de "raça".

Embora popularmente difundido, o conceito raça não possui verdade científica. Nós, os homens, pertencemos a uma única raça: a raça humana.

Há também quem privilegia o dado histórico, ou o antropológico-cultural, ou o teológico. Fixar-se em uma das dimensões é incorrer no perigo de fazer uma leitura míope de uma realidade onde na verdade os vários aspectos inter-agem.

## 1.2. A configuração de Povo Negro

A configuração de povo negro é ampla, e deve ser vista através de um procedimento crítico, uma ótica que articule os aspectos antropológico, cultural, social, político, étnico, histórico, religioso e teológico. Não se pode menosprezar o dado estatístico, embora tenha-se que situá-lo criticamente.

O fato determinante para a conceituação do povo negro é, sem dúvidas, a sua situação. A situação em que mais de 120 milhões de homens, mulheres e crianças vivem e são discriminadamente tratados no Brasil e nas Américas do Sul, Central e do Norte.

A realidade, nas suas evidentes contradições, mormente, em relação

à população negra, define o "povo negro". Tomemos, por exemplo, alguns aspectos.

### 1.2.1. Contribuições da antropologia

Desde o ponto de vista da antropologia, há na América Latina não um só tipo de homem, mas vários homens: "dominador-dominado", "opressor-oprimido", "branco-negro".

O branco caracteriza-se como aquele que é.

Tudo o que é bom, belo, digno e nobre, está referido ao mundo branco-europeu.

No Brasil, o biotipo europeu é minoria, no entanto, a ancestralidade européia constitui o centro de interpretação das coisas (6). O negro, ao invés, é aquele que não é.

"Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais do Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro" (7).

As organizações negras estão hoje num processo bem sucedido, inclusive do ponto de vista antropológico. Estão empenhadas na redescoberta do ser negro.

Nos grupos de base, movimentos, e estendendo à sociedade em geral, as crianças, jovens e adultos já dizem sem recalques: "eu sou negro".

Começa-se o processo inverso. Chamar agora um negro de "pes-

soa de cor", "moreninho", "pardo", ou "mulato" é ofensa.

Contudo, é preciso estar atento, o "não ser" negro não é sinônimo de nihilismo, mas de um ser existente reprimido e com um potencial fortemente sufocado pelas discriminações e preconceitos.

A comunidade negra busca hoje superar o "ser" branco fundado no "não ser" negro, e reivindica o direito de "ser": ser homem e mulher negros.

### 1.2.2. A Redescoberta dos Valores Étnicos

A preocupação da comunidade negra em recuperar o "ser negro" não indica nem um democratismo, nem um eugenismo racial. Não é também a apologia ufanista de "um povo novo e mestiço". É, antes de tudo, a redescoberta dos valores étnicos. Mostra a consciência da identidade negra que passa também pela dimensão étnica.

A "violência racista do branco exerce-se, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro", estereotipando-o em pardo, mulato, ou homem de "cor".

Perder a cor, a etnia, significa para o indivíduo descaracterizar o o corpo, e por conseguinte uma completa sujeição ao imperativo racista.

Pode parecer secundário, "perder a cor", a "etnia", no entanto, o branco não a abdica. Mesmo quando é ruivo, loiro, vermelho, rosado, ou amarelo, ele se diz branco.

O negro que perde a cor, admite sua transfiguração e adesão à ideologia racista. Não apenas aceita sua cor como um predicado pejorativo ou secundário, mas suprime sua identidade negra.

A configuração de povo negro passa também pela busca incessante da identidade étnica.

Neste processo de conscientização étnica o "mulato" assim definido pejorativamente pelo branco racista vai desfazendo ideologias e recupera-se, não como mestiço, mas como negro. "Mulato assanhado, fica do teu lado, do lado do negro, não faças mulato a branca traição", adverte Dom Pedro Casaldáliga na Missa dos Quilombos.

### 1.2.3. Povo Negro: Sujeito Histórico

Olhando pela ótica da história oficial, o povo negro parece não ter passado a não ser de escravidão.

É preciso dar-se conta da história revolucionária dos empobrecidos negros. Antes de ser um conceito teológico, povo negro é uma categoria histórica.

É no cenário histórico que se evidencia a "força histórica dos pobres", do negro.

A história dos dominadores é avaliada pelo seu resultado triunfalista, vitorioso. Assim foi avaliada a Guerra do Paraguai comandada por Duque de Caxias. É assim que ainda hoje os governantes e prefeitos avaliam suas investidas contra as populações pobres de maioria negra que procura se organizar em busca de moradia nas periferias.

A história dos pobres não é avaliada pela ostentação. O sucesso está garantido pela sua força moral, e pela dimensão ética da sua utopia.

Neste sentido, existe no Brasil uma história mais alvissareira do que aquela iniciada por Zumbi dos Palmares?

O povo negro hoje vai desenterrando os seus líderes: Zumbi, Anastácia, e se projetando como sujeito histórico.

É lógico que não faltarão “brancos”, inclusive entre os eclesiásticos, que se empenharão em livros, jornais, televisão, afirmando que Zumbi foi uma lenda e que Anastácia não existiu. Isto não deve causar espanto, pois ainda hoje há quem duvida da existência de Jesus de Nazaré, o Cristo. E tantos outros poderiam duvidar a existência de Sebastião, o Santo padroeiro da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Nós não temos dúvidas, mas ainda que alguém duvidasse da existência histórica daquele Sebastião, deveria ser o bastante sensato para perceber que ao longo da história foram tantos os homens que como Sebastião deram a própria vida por causa do Reino de Deus. Igualmente, a história do povo negro está repleta de “Anastácias” que deram a vida para ver mantida a dignidade da gente negra.

No dia 13 de maio '88, centenário da abolição legal da escravidão, foi notória a intenção dos órgãos oficiais, tentando reduzir aquela data a uma mera “comemoração cívica alienante”. Os grupos e organizações negros “deram a volta por cima” e transformaram o feriado

num dia de “conscientização e luta”.

A população negra fez-se presente de maneira crítica

Portanto, não é verdade total afirmar que “as organizações negras se sentem desencorajadas face às múltiplas confusões criadas pela ideologia racial reinante”, como entendem alguns.

Menos verdadeiro ainda é assegurar que “tudo é confuso, nada é transparente para as organizações negras que se debatem nas imprecisões entre classe e raça, negritude e mestiçagem, identidade e integração”.

Parece-nos sumamente equivocada concluir sem mais que “os negros brasileiros são pouco agressivos, menos que seus colegas nos Estados Unidos ou na África do Sul” (8). Cada realidade exige uma tática, um jeito próprio de organizar-se.

Povo negro, não é um mero conceito, mas uma categoria fundada nas organizações negras que carregam no seu bojo a experiência histórica do “banzo-greve de fome”, da resistência nos “Quilombos”, das “revoltas e insurreições”, da “luta pela abolição”, dos “movimentos deste século”, e “da atual prática de libertação”.

#### 1.2.4. Povo Negro na luta pela cidadania

Não é possível uma compreensão adequada de “povo negro” sem levar em consideração as dimensões sócio-econômico-políticas. “A socie-

dade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior" (9). No Brasil, a cor é elemento significativo para as oportunidades sociais, econômicas e políticas das pessoas.

Tem-se maior ou menor possibilidade real, de acordo com o distanciamento ou proximidade dos padrões da população branca dominante.

A meridiana desigualdade social, econômica e política, tenta justificar-se reduzindo tudo a uma questão de classe.

Afirma-se que na medida em que o negro ascende cultural e economicamente, o racismo desaparece.

Tal afirmação não passa de mais uma ideologia que a população negra vai desmascarando.

É exatamente o contrário.

Em recente pesquisa realizada pelo DIEESE em São Paulo, ficou patente que trabalhadores simples, brancos e negros, na limpeza pública, por exemplo, ganham a mesma paga por igual jornada de trabalho. Já o médico negro ganha em média 20% menos que seu colega branco, pelas mesmas horas de trabalho e igual atividade.

A população negra luta hoje pelo direito à cidadania: trabalho, escola, moradia, terra, espaço cultural, direito religioso, dignidade, direitos humanos, direito de ser negro, representatividade política, etc.

Estes objetivos comuns são a amálgama, o cimento que une o movimento negro evidenciando sua identidade dinâmica de "povo negro".

Há vários outros aspectos igualmente significativos na compreensão de "povo negro", por exemplo, os aspectos psicológico, ético, religioso, etc.

Oportunamente trataremos estas questões.

### 1.2.5. Povo Negro: Uma Cultura de resistência

É, sem dúvidas, de grande relevância a dimensão cultural na compreensão de "povo negro".

É sabido que da África foram trazidos homens e mulheres de várias regiões daquele vasto continente. Trouxeram culturas e costumes diferentes.

No entanto, aqui formaram um só povo.

Em que pese o fato dos senhores de escravos terem procurado evitar a proximidade de negros procedentes da mesma região e origem, dificultando assim a manutenção da integridade étnica, a condição comum de escravos foi o fator decisivo para a unidade das etnias negras aqui no Brasil.

Não há povos negros em brigas menores em torno de interesses étnicos grupais particulares no Brasil. Há um povo negro que embora lute por preservar e redescobrir as especificidades de sua vasta e rica cultura, formam um só povo que se

distingue :pela sua luta contra toda forma de discriminação e racismo.

A cultura negra brasileira é uma cultura forjada na resistência. O sofrimento, a marginalização, a discriminação, o racismo, mas também a beleza, o ideal de dignidade, a alegria, a teimosia histórica, fazem dos negros um só povo: "povo negro".

Embora largamente difundida popularmente, a cultura de origem negra não é assumida nos padrões oficiais. O Brasil que se exporta, vende uma imagem da qual se tenta ocultar o seu rosto negro e indígena.

Os negros, segundo os ditames oficiais, só têm o direito de aparecer uma vez por ano no carnaval.

As crianças negras e brancas nas escolas não têm um encontro sistemático com a cultura negra. Isto fere e prejudica a identidade não só do negro, mas do brasileiro em geral.

## **2. A nova evangelização e o povo negro**

A quase totalidade da população negra no Brasil e nas Américas do Sul, Central e do Norte é cristã.

No Brasil a maioria é adepta da Igreja Católica.

Esta constatação, no entanto, não esconde o fato de que desde a vinda dos primeiros escravos para o Brasil em 1530, até bem recentemente, a evangelização da Igreja junto ao negro não tenha sido problemática.

A evangelização deu-se em situações históricas adversas e contraditórias.

O evangelizador aqui chegou no mesmo navio do conquistador, e batizou os negros nos mesmos galpões onde eram negociados pelos senhores.

Muitos evangelizadores eram proprietários de escravos que trabalhavam as terras "ganhas" do Estado.

A moral dos evangelizadores re-primava os negros que fugiam para os Quilombos na busca de liberdade. Os Quilombos foram amaldiçoados pelos evangelizadores.

Num contexto assim, como discernir?

O que era propriamente fé, e o que era poder?

O que era evangelização, e o que era dominação?

Quando os evangelizadores chegaram em Roma, inseriram-se no meio dos escravos, e com eles construíram uma nova história a partir da fé. Aqui habitaram a "Casa Grande".

Historicamente, no Brasil, a população negra teria fartas razões para ignorar a evangelização e voltar-se contra a Igreja. No entanto a ama e esforça-se por vê-la cada vez mais coerente com o Reino de Deus.

### **2.1. Marcas da "Antiga Evangelização"**

Antes de abordarmos as tarefas da "nova evangelização", parece-nos importante avaliar alguns aspectos

tos da "antiga evangelização", ou "evangelização precedente", como preferem alguns. O maior saldo negativo para a evangelização foi, sem dúvida, o fato de a Igreja ter convivido com a escravidão durante quase quatro séculos sem tê-la combatido com mais veemência.

Lamentavelmente não se tem notícias de evangelizadores que tenham interrompido missas, pregações, missões para protestarem contra leilões de escravos promovidos com frequência durante o período colonial em locais bem próximos de onde se pregava o evangelho e celebravam-se missas.

Mesmo já bem próximo ao momento culminante da "abolição", quando o fim da escravidão era iminente, evangelizadores, poucos na verdade, resistiam ainda à idéia de libertar os escravos sem que seus senhores fossem indenizados pelo Governo (10).

"Não houve no Brasil, para os escravos, nada que se assemelhasse ao esforço dos Jesuítas na catequese do Índio.

Não há notícias de catecismos na língua das diferentes "nações" africanas que aqui aportaram.

Se nas cidades de Minas no século XVIII floresceram as irmandades de escravos, semelhantes às suas congêneres dos brancos e dos pardos, no mundo rural, onde se concentrou a massa da população escrava, a presença da Igreja foi sempre tênue e limitada às desobrigas anuais" (11).

A Igreja confiou praticamente a evangelização (catequese) do "ne-

gro ao próprio senhor dos escravos e este paradoxo marcará a posição da Igreja no Brasil perante o escravo.

Em relação ao Índio, ela lutará com todas as forças para separá-lo do convívio com o colono; em relação ao negro, ela fará aliança com o senhor de escravos para levar a religião ao negro" (12).

Parafraseando Joaquim Nabuco, militante abolicionista, a qualidade da evangelização hoje seria outra se ao invés de dividir a "Casa Grande", os evangelizadores tivessem assumido a "Senzala".

Positivamente a Igreja, ordens e congregações religiosas teriam perdido em estruturas, mas a evangelização teria ganho em qualidade ética e testemunho profético.

Outro elemento que pesa na história da evangelização do Brasil nos séculos passados e em parte ainda hoje, é o fato do monocentrismo cultural-religioso europeu.

"A Igreja nas colônias é uma Igreja de brancos, uma Igreja de estrangeiros. Não chama o homem colonizado para a via de Deus, mas para a via do branco, a via do patrão, do opressor" (13).

Por esta razão, os nossos antepassados negros nunca foram reconhecidos em suas expressões culturais-religiosas próprias. Tiveram sempre que louvar a Deus a partir de uma liturgia monocêntrica, ajustando-se ao modelo branco, enbranquecendo-se.

Ainda hoje, quando a população negra introduz na liturgia elementos

da sua cultura de origem (o altar no chão, velas coloridas, partilha de pipoca, pólvora, etc.), muitos brancos ficam indignados, e muitos eclesiásticos recriminam e tentam proibir.

No entanto, o negro não teve o direito de estranhar um ritual calcado na cultura européia; simplesmente lhe foi e continua sendo imposto. A fé cristã, católica, é universal, mas a cultura européia certamente não.

Para a população negra, ser evangelizada significou a renúncia aos valores próprios. Mais que isto, significou armar uma trincheira contra os irmãos negros que nos Terreiros de Candomblé ou de Umbanda, buscavam reunir-se em resistência e libertação.

Os brancos tentaram dividir os negros inculcando-lhes, sobretudo, a partir do púlpito, que o Candomblé era "coisa do demônio". Ainda hoje, não raramente são feitas tais pregações.

Em certos momentos históricos o Terreiro de Candomblé foi o único espaço onde o negro se encontrava como família, e podia ter um pouco de esperança.

As sementes do Verbo estavam ali.

## 2.2. **Perspectivas de uma "Nova Evangelização"**

Se tomarmos a "nova evangelização" como um novo modo de ser Igreja a partir da América Latina não aludimos a uma vaga hipótese,

mas a uma realidade já em processo nestes anos após o Concílio.

As bases para uma nova evangelização foram de alguma maneira indicadas pelo Vaticano II. A II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín explicitou os elementos básicos para esta nova evangelização.

"Até agora", constataam os Bispos, "houve sobretudo uma evangelização de conservação, baseada na sacramentalização" (14).

"A América Latina, além de uma realidade geográfica própria, com valores específicos e com problemas semelhantes, é uma comunidade de povos com uma história singular" (15).

A evangelização deve consistir numa tomada de posições e soluções que correspondam a essa história, a esses valores e problemas (16).

Segundo Medellín, os países latino-americanos conservam uma riqueza cultural básica, nascida de valores religiosos e éticos que floresceram numa consciência comum e frutificaram em esforços concretos.

Um potencial humano faz da América Latina uma realidade prometedora e cheia de esperanças.

Seus angustiosos problemas marcam também essa realidade com sinais de injustiças que ferem a consciência cristã: fome, miséria, mortalidade infantil, profundas desigualdades, etc. (17). Acrescentem-se, racismo e preconceitos.

Nossa missão enquanto evangelizadores, afirmam os Bispos, é contribuir junto com todo o Povo de Deus para a superação destes reais obstáculos:

— inspirando, estimulando e urgindo uma nova ordem de justiça;

— fomentando organismos profissionais de trabalhadores, elementos decisivos da transformação sócio-econômica;

— alentando uma nova evangelização e catequese intensivas em vista de uma fé lúcida e comprometida.

Creemos que estamos numa nova era histórica. Exige clareza para ver, lucidez para diagnosticar e solidariedade para atuar (18).

A concepção de “nova evangelização”, textualmente mencionada em Medellín (19), recupera elementos primordiais da fé cristã. A evangelização não dependerá só de um manual de catequese bem elaborado, mas de uma fé que se torna presença transformadora no mundo, ortopraxis.

Após Medellín, na medida em que as práticas das Comunidades Eclesiais de Base vão intensificando-se, emerge com maior clareza o novo sujeito da evangelização: o povo empobrecido. Puebla vai confirmar a opção pelos empobrecidos. “A evangelização da Igreja se dirige a todos os homens, mas há que ressaltar a especial predileção de Jesus pelos mais pobres e sofredores” (20), entre eles “os afro-americanos, tantas vezes esquecidos” (21).

### 2.3. Nova Evangelização e Presença Negra

No documento de Medellín não há uma menção específica sobre a condição da comunidade negra na América Latina. Puebla menciona de maneira breve. Não deixa de ser uma lacuna, visto que a população negra latino-americana ultrapassa a 120 milhões de habitantes.

A menção que Puebla faz sobre o povo negro teria passado despercebida se os grupos negros nas igrejas não tivessem feito dela uma das chaves de leitura para todo o documento. De qualquer modo, a alusão de Puebla à causa negra, contribuiu ao seu nível para que ao lado do ressurgente movimento negro na sociedade civil emergissem os grupos negros na Igreja.

A consciência negra no âmbito eclesial, caracteriza um fato novo e significativo para a nova evangelização.

Como surge esta consciência negra nos espaços pastorais? Que fatores contribuem para este surgimento?

Creio que se explica por dois fatores principais entre outros. O primeiro fator é, sem dúvida, a nova consciência de Igreja que cresce cada vez mais a partir do Concílio Vaticano II.

A Igreja é o “povo de Deus”, ou seja, uma comunidade sensível aos seus reclamos, angústias e esperanças.

A Igreja “povo de Deus” estabelece ruptura com os objetivos e prá-

ticas da "cristandade". Esta ruptura dá-se de modo real, e não apenas por decreto como ocorrera no surgimento do Estado republicano em 1889.

Frei Leonardo Boff sintetizou a dinâmica da Igreja "Povo de Deus":

"A Igreja se faz povo. Com esta afirmação comprovamos a nova consciência da missão da Igreja nos dias de hoje através da inserção de amplos setores cristãos nos meios populares, permitindo que daí emergisse realmente a Igreja como Povo de Deus com características populares. Aquelas imensas maiorias de gente consideradas economicamente desprezíveis, politicamente alienadas, culturalmente marginais e religiosamente sincretizadas foram sendo assumidas na missão pastoral da Igreja. A maneira de evangelizá-las foi propiciar que de seu seio se organizassem com unidades eclesiais, novos serviços, celebrações e compromissos de transformação, a partir da fé, das condições de opressão e de empobrecimento. Através da ação comunitária e libertadora destes cristãos conferiu-se um contexto concreto e histórico à afirmação de fé de que a Igreja é Povo de Deus dentro da história. Somente quando a massa, pela participação e pela comunidade se fez povo, criou-se a condição para que este povo, mediante a fé, se transformasse em Povo de Deus" (22).

O segundo fator está intrinsecamente ligado ao primeiro. A Igreja que se aproxima da realidade dos empobrecidos e começa a assumi-los como "opção evangelicamente preferencial" estimula os fiéis em geral

a se sensibilizarem com as dores e sofrimentos de todos os marginalizados.

Nas comunidades, aos poucos, toma-se consciência da situação de pobreza generalizada e da marginalização específica que vitima a maior parte da população negra.

Os negros, sobretudo, nas comunidades cristãs, tomam consciência das discriminações anti-negro que ocorrem na sociedade civil, na vida eclesial e nos meios religiosos.

Esta consciência leva a duas atitudes:

Primeira, causa uma profunda indignação ética; segunda, o que fazer para superar esta clamorosa situação na sociedade civil e na Igreja?

Estas inquietações tornam-se motivos fortes para os "Agentes de Pastoral Negros" (padres, religiosos, leigos engajados, formandos e formandas, pastores, líderes religiosos de cultos afro-brasileiros) começar a se encontrar e organizar. Estão convencidos de que a fé cristã tem uma palavra significativa que possa iluminar na superação dos problemas.

Os encontros de Agentes de Pastoral Negros multiplicam-se nas paróquias, grupos de base, regiões, etc. Há uma interrogação à qual procura-se responder com a prática:

O que significa ser negro e cristão numa sociedade onde a mancha do racismo e suas manifestações têm atingido as organizações civis, sociais, governamentais, e refletem-se na comunidade de fé, a Igreja, e chegam à vida religiosa e aos altares?

Embora recente, a prática dos Agentes de Pastoral Negros tem contribuído para que a Igreja possa ir descobrindo a outra face de seu rosto: a sua face negra.

É uma face marcada pelas cicatrizes históricas, muitas ainda não curadas, que os brancos abriram com açoites e chicotes nestes formosos e graciosos rostos negros, durante a escravidão, e nestes cem anos de um abolicionismo racista.

Um dos passos marcantes da organização dos grupos negros de base nas igrejas foi a Campanha da Fraternidade de 1988. Por entender que a Campanha da Fraternidade é uma mediação evangelizadora, uma ação que se faz a partir da fé, os Agentes de Pastoral Negros solicitaram à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil que propusesse a toda a Igreja uma profunda e séria reflexão sobre a situação do povo negro no Brasil.

Houve dificuldades no desempenho da Campanha, mas o saldo, indiscutivelmente, foi positivo. Sobre tudo ficou patente que a presença negra não pode mais ser ignorada pela evangelização. A "questão negra" faz parte do conteúdo da "nova evangelização".

### **3. Vida religiosa, nova evangelização e povo negro**

As questões brevemente assinaladas nas páginas anteriores nesta reflexão mostram problemas sócio-econômico-políticos, histórico-ecclesiais, culturais-religiosos, étnicos e antropológicos, suscitados pela realidade da vida do povo negro.

Estas questões constituem desafios à Vida Religiosa na medida em que esta redefine o seu papel e orienta sua identidade na aproximação à vida do povo.

No nível antropológico, por exemplo, o problema que se põe é o reconhecimento da autonomia e dignidade do homem e da mulher negros com suas características, diferenças e valores.

Como passar do homem negro negado (escondido, transfigurado, embranquecido), ao homem negro reconhecido, capaz de assumir sua negritude? Como a Vida Religiosa poderá participar desta luta reivindicatória empreendida pela comunidade negra?

Da mesma forma, no nível histórico-ecclesial, que mediações poderão ser incentivadas e participadas pela Vida Religiosa para que o povo negro possa evidenciar sua presença enquanto sujeito histórico, e a sua condição seja significativa para a ação eclesial (evangelização)?

Nos níveis social, econômico e político, as contradições que pesam sobre a população negra são flagrantes.

É aí que o racismo se concretiza adquirindo configurações reais. Um grande setor da população brasileira vitimado pela ideologia da "democracia racial", hoje, diante das denúncias da comunidade negra, acorda indignado ao tomar consciência do racismo explícito e camuflado que tornam hipócrita o relacionamento entre brancos e negros no Brasil.

Há ainda um volume de questões desde o ponto de vista étnico. O ser negro é o ponto de partida para o encaminhamento destas questões; não se pode escamotear. É preciso passar do preto ao negro.

Igualmente os níveis cultural e religioso são imprescindíveis, sobretudo quando o grande esforço é a recuperação dos valores. A cultura é o chão de um povo, e o sentimento religioso a sua dinâmica permanente.

### 3.1. **Vida Religiosa: atitude evangélica face ao povo negro**

O primeiro passo para que a Vida Religiosa possa responder aos reclamos do povo negro, é sensibilizar, apreender a situação e a condição deste povo de modo crítico e objetivo. Uma visão superficial e apressada da realidade negra suscita conclusões igualmente apressadas e provoca nos meios religiosos sentimentos de compaixão e atitudes piedosas. Nada porém mais que isto. A população não necessita de compaixão, mas com todos os empobrecidos vem exigir justiça.

Infelizmente não há uma visão consensual e unívoca sobre a questão negra, nem no episcopado, nem no clero em geral, como também não há entre os religiosos e leigos. A Campanha da Fraternidade/88 mostrou isto. As pessoas dividiram-se pelo menos em três visões diferentes.

Há religiosos e outras pessoas que entendem a realidade negra de forma acidental.

Para eles a escravidão do negro é um fato apenas do passado. A escravidão deve ser entendida não ligada com o modo de produção capitalista e a maneira de organizar a sociedade brasileira desde os seus inícios, mas como um fato acidental ou até mesmo cultural. Estes religiosos se recusam a avaliar a escravidão à luz da ética evangélica, mas o fazem de acordo com os critérios da "consciência possível".

A conclusão que os adeptos desta visão chegam é a seguinte:

Se a escravidão é um fato do passado que se encerrou com o gesto benevolente da princesa Izabel, em 13 de maio de 1888, o negro encontra-se de fato hoje no mesmo pé de igualdade que o branco, portanto a sua marginalização é devida a razões subjetivas, à sua "incompetência". Para estes, a evangelização não passa pela organização da comunidade negra. Como não passa também pelas práticas dos grupos e movimentos engros reivindicadores dos seus direitos. A evangelização, na sua concepção, deve, ao contrário, favorecer o desaparecimento do negro através da mestiçagem e do branqueamento.

Esquecem-se por ingenuidade ou por astúcia que os efeitos da escravidão continuam vigentes e são constantemente reproduzidos.

Por outro lado, há religiosos que entendem a questão negra de forma historicista.

Para estes as conseqüências da escravidão perduram. Porém, perduram porque estamos "apenas" há cem anos da escravidão.

Com o passar dos séculos, “naturalmente”, estas conseqüências vão desaparecer. Portanto, não há necessidade da formação de grupos nem na sociedade civil, nem nas igrejas. A situação se mudará, basta que o negro “se moralize” e adquira “bons costumes”, dizem eles.

Felizmente a grande maioria dos religiosos, sobretudo os inseridos, não têm esta visão distorcida da situação da população negra.

Percebem que o problema é estrutural e que está desde o início da escravidão moderna vinculado ao modo de produção capitalista. Por isso mesmo entendem o problema na sua vasta dimensão tanto de classe quanto de raça. Estes religiosos estão convencidos de que a superação dos problemas que pesam sobre comunidade negra exige que as causas sejam atacadas, ao mesmo tempo em que as suas manifestações são denunciadas e combatidas.

Uma nova evangelização significa presença atuante e solidária junto ao povo negro; significa o completo despojamento de preconceitos.

Os teólogos recordam com freqüência que “Evangelho” significa “Boa Nova-Boa Notícia” (23).

Ao longo destes séculos de conquista e colonização, aparentemente a “boa notícia” foi para os brancos que usaram os negros e se enriqueceram com o seu suor.

Na nova evangelização espera-se que a “boa notícia” seja de fato “boa” para todos, sobretudo para os negros.

É óbvio que para ser “boa notícia” para os negros terá que desalo-

jar o branco dos seus privilégios e da sua presunção de superioridade.

### 3.1.1. **Evangelizar através da solidariedade étnica**

A solidariedade étnica é condição fundamental para que a Vida Religiosa seja uma nova presença evangelizadora junto à população negra.

Neste caso, evangelizar significa estar solidário com o povo negro na busca da sua identidade étnica.

Não há evangelização sem o reconhecimento da dignidade do outro e o respeito às suas diferenças.

Portanto, não bastarão a catequese e a pregação como instrumentos para uma nova evangelização. É necessário que a Vida Religiosa acolha o negro com a sua identidade própria, permitindo espaços para que se possa crescer na consciência da negritude. Desta maneira, a Vida Religiosa irá adquirindo também uma identidade negra, um modo negro de ser.

É preciso igualmente que as casas religiosas, os colégios que nunca estiveram à disposição dos negros, embora os carismas das Congregações em grande maioria sejam os pobres, estejam abertos para que possam se encontrar, e em grupos e comunidades irem sentindo a alegria de ser negros.

É nas reuniões, encontros, e nos grupos negros que as pessoas vão deixando de ser “pretas”, “mulatas”, “morenas” ou “pardas”, e se tornam negras. Para isto é decisivo o conhecimento da história e a superação dos preconceitos.

Com a consciência adquirida nos grupos, as crianças, rapazes, moças e adultos negros asseguram-se de que o branco não é superior, nem o negro inferior. Ninguém é superior a ninguém, e ninguém é inferior: todos temos a igual dignidade que Deus nos concedeu.

### **3.1.2. Evangelização: assumir a cultura religiosa negro-brasileira**

Outra questão que se põe à Vida Religiosa como desafio evangélico é a compreensão, ou mais que isto, a assimilação da cultura religiosa negro-brasileira.

A evangelização passa pela encarnação na cultura do outro, mais ainda, passa pela inculturação (24).

Inculturar-se é ver o mundo e perceber a ação salvífico-libertadora de Deus com os olhos do outro, no caso, com olhos da comunidade negra. É sentir como o oprimido negro experimentou Deus na sua condição de marginalizado, e como através dos seus símbolos, cultos e manifestações religiosas denuncia as opressões existentes hoje, e anuncia a justiça de Deus.

Inculturar-se é fazer com que a Vida Religiosa não estacione na opção que vem paulatinamente realizando nas últimas décadas, mas aceitar o permanente desafio de ir sempre em busca do "pobre mais pobre": o povo negro.

Este processo de inculturação vai exigir por parte da Vida Religiosa a valorização da cultura negra em

geral, e da cultura religiosa negro-brasileira em particular.

Valorizar a religiosidade popular mantida pela comunidade negra: congadas, reizados, moçambiques, etc.

Intensificar o diálogo e a prática religiosa com o Candomblé, a Umbanda, o Xangô, o Batuque, etc.

A contribuição dos religiosos será indispensável para que as liturgias celebradas nas igrejas e nas casas religiosas se abram à cultura negra.

### **3.1.3. Evangelizar é introduzir na história**

Evangelizar é introduzir na história. A grande luta do povo negro através dos movimentos e grupos é construir uma nova história, lutando pelos direitos de cidadania.

É a busca de trabalho, escolas, participação na sociedade em todos os níveis; é a busca do reconhecimento religioso e por decisões políticas. Numa palavra, é participar historicamente. A Vida Religiosa, ou será parceira do povo negro nesta busca, ou repetirá os equívocos da "antiga evangelização".

Nestes séculos, e em muitos setores ainda nos dias de hoje, o negro foi tido como objeto. Objeto de mercado, de serviço, de desprezo, de preconceitos, de compaixão, e objeto de caridade assistencialista.

Hoje os grupos negros na sociedade civil e nas igrejas, seguindo a tradição de Zumbi, Anastácia e dos antepassados, pleiteiam o direito de serem sujeitos históricos.

A participação dos religiosos neste processo é fundamental. Os espaços das escolas dos religiosos poderão ser alternativas onde a criança, o adolescente, e o jovem negro e brancos terão oportunidade de aprender a história verdadeira dos povos. Poderão se orgulhar com a dignidade do povo africano, constatar seu espírito de luta exemplificado no "banzo-greve de fome, Palmares, na revolta dos Malês, na luta pela abolição e a reforma agrária", etc.

As editoras religiosas poderão também participar deste processo imprimindo e publicando textos populares, com preços populares, acessíveis aos negros. Textos que resgatem a história e a cultura do povo negro.

Em síntese, a evangelização junto à população negra supõe gestos concretos que demonstrem uma solidariedade efetiva anunciadora da "boa nova", colocando as estruturas da Vida Religiosa a serviço dos "pobres mais pobres".

É assim que a Vida Religiosa se revitaliza. Na medida em que evangeliza, é também evangelizada e se abre ao AXÉ que vem da cultura, da prática de fé e da espiritualidade do povo negro.

## Conclusão

Quando os artigos abordam questões freqüentemente mais debatidas, tem-se o cuidado de ao concluir não colocar um ponto final. Esta atitude é sobremaneira recomendável para o tema que começamos refletir.

A conclusão aqui significa apenas uma pausa na reflexão. A questão da "Vida Religiosa, Nova Evangelização e Povo Negro", precisa continuar merecendo um tratamento sistemático por parte dos teólogos para que daí se extraiam elementos significativos para a evangelização.

O elemento mais significativo é para o qual a presente reflexão de uma ou outra maneira quer chamar a atenção, é o fato de a Vida Religiosa, e a Igreja como um todo estarem diante de uma nova era, um novo tempo.

Um tempo caracterizado pela emergência de novos sujeitos históricos, que são os empobrecidos organizando-se na busca de seus interesses.

De modo que urge uma nova evangelização porque há uma nova realidade emergente com suas particularidades e exigências. O profetismo histórico da Vida Religiosa manifestou sempre através das suas opções concretas. Em determinados períodos assumiu formas de vida consideradas estranhas para a classe dominante, sobretudo. Hoje, a grande questão é de que lado, efetivamente, a Vida Religiosa vai ficar.

Neste sentido, a causa negra, além de uma necessária reflexão e tomada de atitude, deve ser para a Vida Religiosa um exercício dentro de um universo específico dos marginalizados.

A inculturação, a nova evangelização, são temas que mostram uma

inquietação nos meios religiosos. São também categorias que vão ajudando a preparar-se para o novo. Contudo, não há dúvida de que só a prática humilde mas constante no

meio do povo é que vai fornecendo os elementos capazes de repensar o sentido e a dinâmica de uma evangelização realmente coerente com os objetivos do Reino de Deus.

## NOTAS

(1) Cfr. A Evangelização no mundo contemporâneo (EVANGELII NUNTIANDI), Loyola, São Paulo, 1977. (2) Puebla, 342-345. (3) Alguns textos: CNBB, Ouvi o clamor deste povo (texto-base CF/88); SILVA, Antônio Aparecido, Comunidade Negra: Interpelações à Vida Religiosa, CRB, 1988; VALENTE, Ana Lúcia, Ser negro no Brasil, Editora Moderna, São Paulo, 1987. (4) Fonte IBGE, Censos Gerais/1980. (5) HOORNAERT, Eduardo, Ouvi o clamor deste povo (Comentários ao texto-base da CF/88), in REB, Vol. 48, Fasc. 189, março de 1988, p. 41. (6) Idem, p. 42. (7) SOUZA, Neu-

sa Santos, Tornar-se Negro, Ed. Graal, Rio, 1983, p. 2. (8) HOORNAERT, o.c., p. 44. (9) SOUZA, o.c., p. 19. (10) VÁRIOS (CEHILA), História da Igreja no Brasil, tomo II/2, Vozes-Paulinas, 1985, p. 276. (11) Idem, p. 263. (12) Idem. (13) Idem. (14) MEDELLÍN, 6/I. (15) Idem. (16) Idem, 6/II. (17) Idem. (18) MEDELLÍN, Mensagem aos povos da América Latina. (19) Idem. (20) PUEBLA, 382. (21) Idem, 34. (22) BOFF, Leonardo, E a Igreja se fez povo, Vozes, Petrópolis, 1983, p. 10. (23) TABORDA, Francisco, Da inserção à inculturação, CRB, 1988, p. 13. (24) Cfr. Idem, p. 42.

---

### Duas citações, um só tema

*Primeira.* “Se alguém, possuindo os bens deste mundo, vê o seu irmão na necessidade e lhe fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus?”, 1 Jo 3, 17. *Segunda.* “A raiz de todos os males é o amor ao dinheiro, por cujo desenfreado desejo alguns se afastaram da fé, e a si mesmos se afligem com múltiplos tormentos”, 1 Tim 6, 10.

### Reconhecer para ser reconhecido

**Bíblia** — “E vós, quem dizeis que eu sou? Pedro respondeu: Tu és o Messias”, Mc 8, 29.

**Leitor** — Sem ambigüidades, é preciso **RECONHECER**, aceitar, amar e seguir JESUS que revolucionou o mundo pela força do amor e do perdão; que escolheu o caminho da cruz para resgatar nossas vidas; que exige o compromisso meu e seu de renascer com ele a cada dia; que manda doar-se até doer aos doentes e sofredores; que denuncia nossas próprias mentiras e nossas próprias injustiças. **RECONHECER** sempre para ser, um dia, por ele reconhecidos (Pe. Marcos de Lima, SDB).

# NOVA EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA

**Irmão Claudino Falchetto, FMS**  
Presidente Nacional da CRB

O presente fascículo foi elaborado pensando-se nos Religiosos e Religiosas do Brasil. Deseja ele ser um instrumento de reflexão, embora simples, incompleto e provisório. Cada um poderá completá-lo com muitos outros dados e experiências de vida segundo o Evangelho. Seu objetivo é ajudar a Vida Religiosa no Brasil a marcar efetiva presença profética, evangelizadora e libertadora, junto ao nosso povo.

Há dois motivos de fundo:

a) A preparação da XV Assembléia Geral Ordinária (AGO) da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), a se realizar de 24 a 28 de julho de 1989. Somos todos convidados a percorrer o mesmo caminho que desemboca nesse evento de maior significado para a Vida Religiosa em nossa terra, evento cujo tema central será: "NOVA EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA NO BRASIL". As Assembléias da CRB têm sido sempre um passo à frente na medida em que foram preparadas na oração e na reflexão pessoal e comunitária.

Por isso, Religiosos(as) e Comunidades são convidados a participar

dessa caminhada em direção à XV AGO. Todos os que atuam na área da formação para a Vida Religiosa, da saúde, da educação, da inserção em meios populares ou de outras formas de pastoral, procurarão explicitar as grandes questões que percebem em seu trabalho junto a uma sociedade carente de evangelização. Procurarão ver também como a Vida Religiosa pode a elas responder hoje.

O resultado dessa análise será entregue à respectiva Secretaria Regional da CRB. Ela, com a ajuda de seus Grupos de Reflexão em cada uma das áreas acima, fará uma síntese orgânica dessas mesmas reflexões e a repassará, no máximo até o dia 15 de março de 1989, aos respectivos Grupos de Reflexão da CRB Nacional. Isso permitirá uma preparação mais objetiva da próxima Assembléia Geral.

b) A celebração do V Centenário da Evangelização de nosso Continente. A comemoração desse marco histórico não pretende alimentar saudosismos nem vanglórias. Quer

---

(Continua na 3ª capa, ao lado)

---



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299  
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ  
1 de novembro de 1988

A Conferência dos Religiosos do Brasil lançou o opúsculo **Nova Evangelização e Vida Religiosa**. São 32 páginas, em formato 20,7 cm por 14,7 cm. Foi o Papa João Paulo II quem cunhou a expressão **NOVA Evangelização**, em Porto Príncipe, Haiti, em 9 de março de 1983, e em Santo Domingo, em 12 de outubro de 1984, quando abriu a novena de anos preparatória ao V Centenário da descoberta e evangelização da América Latina.

**NOVA** configura uma percepção súbita de **tempo**. TEMPO, que foi, é e será. Tempo **único**, mas de face tríplice, uma à outra invisivelmente unida, embora em miragem inacessível. Na busca do **NOVO** para redesenhar os caminhos da Evangelização, maleabilidade, obstinação criadora, forte vontade e convencimento de imperiosa atualização são o que, **humanamente**, está implícito no processo que objetiva resultados ponderáveis para se cumprir a ordem do Senhor: "Ide e fazei que todas as nações se tornem discípulos"; Mt 28, 19. Se, por um lado, há um solo histórico concreto a se respeitar, por outro, não se pode recusar-se a lutar pelo futuro com armas próprias. **O passado não passa. Mas envelhece sem convencer**, quando culturalmente arcaico. Portanto, no presente, ao menos, o benefício da dúvida para o confronto e, se necessário, a superação do passado para antecipar e decifrar, com cautela realista, o embrionário figurino dos novos tempos e de suas interpelações que nossa imaginação consegue intuir e prever.

**EVANGELIZAÇÃO**, isto é, **REVIVER** agora o sentido e a eficácia da presença de JESUS, em Quem o homem é Deus. A chave deixou de ser a palavra para se transformar no testemunho. O anúncio de JESUS CRISTO não se dá por um processo mental, um enriquecimento do conhecer e do saber. **Evangelizar é ANÚNCIO, sim, feito, porém, REALIDADE na vida vivida**. A articulação de palavra e testemunho, vida iluminada pela palavra, tem a mais alta capacidade germinativa e de reverberação em todo o cenário. Mas não se obtém a golpes de slogans. Reconhecer, todavia, a conciliabilidade necessária, não obstante a inerente dificuldade do processo, já é aprender a avançar nele. **Palavras sem fatos, contradição moral, suicídio pastoral**.

A Igreja e a Vida Religiosa enfrentam desafios para definir seus rumos na sociedade contemporânea embriagada pelo consumismo, pelo imperativo categórico incontrastável do hedonismo, pelo ateísmo acadêmico, prático e militante, por modalidades diferentes de coerção à liberdade, pelo desfibramento da pessoa. São fenômenos característicos de uma época de mudanças, como a nossa. Tornam-se, porém, mais graves quando as **matrizes da experiência religiosa parecem vacilar em seus fundamentos** pelo desmonte das certezas e pela relativização de todas as verdades que o tempo vai produzindo. A Igreja e a Vida Religiosa estão inquietas. E há razões para sua inquietude, fronteira virtual do pânico. A título de exemplo:

**As seitas evangélicas protestantes**. Sem compromisso com o passado e pregando convicções novas, arrebanham três milhões de novos fiéis, a cada ano. **Os cultos de inspiração africana**. Durante séculos, viveram um pouco abaixo da superfície. Com a valorização da "cultura popular", apresentam-se à disponibilidade religiosa, recebem divulgação e destaque inéditos e se candiditam a inusitadas aproximações. **O marxismo**. Não obstante ser urgente consolidar e fortalecer as reivindicações populares, o envolvimento com as massas desenraizadas não pode significar febre de politização nem busca de inspiração no MARXISMO, **decididamente, anti-religioso e antiquado em sua pretensão de ditar normas à evolução social**.

Como estes, muitos outros problemas povoam o universo das inquietudes da Igreja e da Vida Religiosa e dos quais se dão conta. Por isso, querem reajustar corretamente, para além do episódico, suas perspectivas às necessidades deste final de milênio. Depois, será inútil descarregar remorsos imaginando o que poderia ter sido e não foi. Deste ângulo, **Nova Evangelização e Vida Religiosa**, como premissa, mostra o espírito de nossa época e o fruto de nossa estação. Adquira o seu exemplar. Leia-o. **LER ajuda a sintonizar o futuro e a manter a face sempre aberta para a esperança**.

Desejando-lhe toda paz e todo bem, com sempre renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente

PE. MARCOS DE LIMA, SDB  
Redator-Responsável